







Todo capixaba tem  
Um pouco de beija-flor no bico  
Uma panela de barro no peito  
Uma orquídea no gesto  
Um cafezinho no jeito  
Um trocadilho na brincadeira  
Um congo no andar  
Um jogo de cintura  
Um chá de cidreira  
Uma moqueca perfeita  
E uma rede no olhar.

Elisa Lucinda



Ficha Catalográfica: Alessandra Dutra Ribeiro Roza

L433e

LEÃO, Marcos

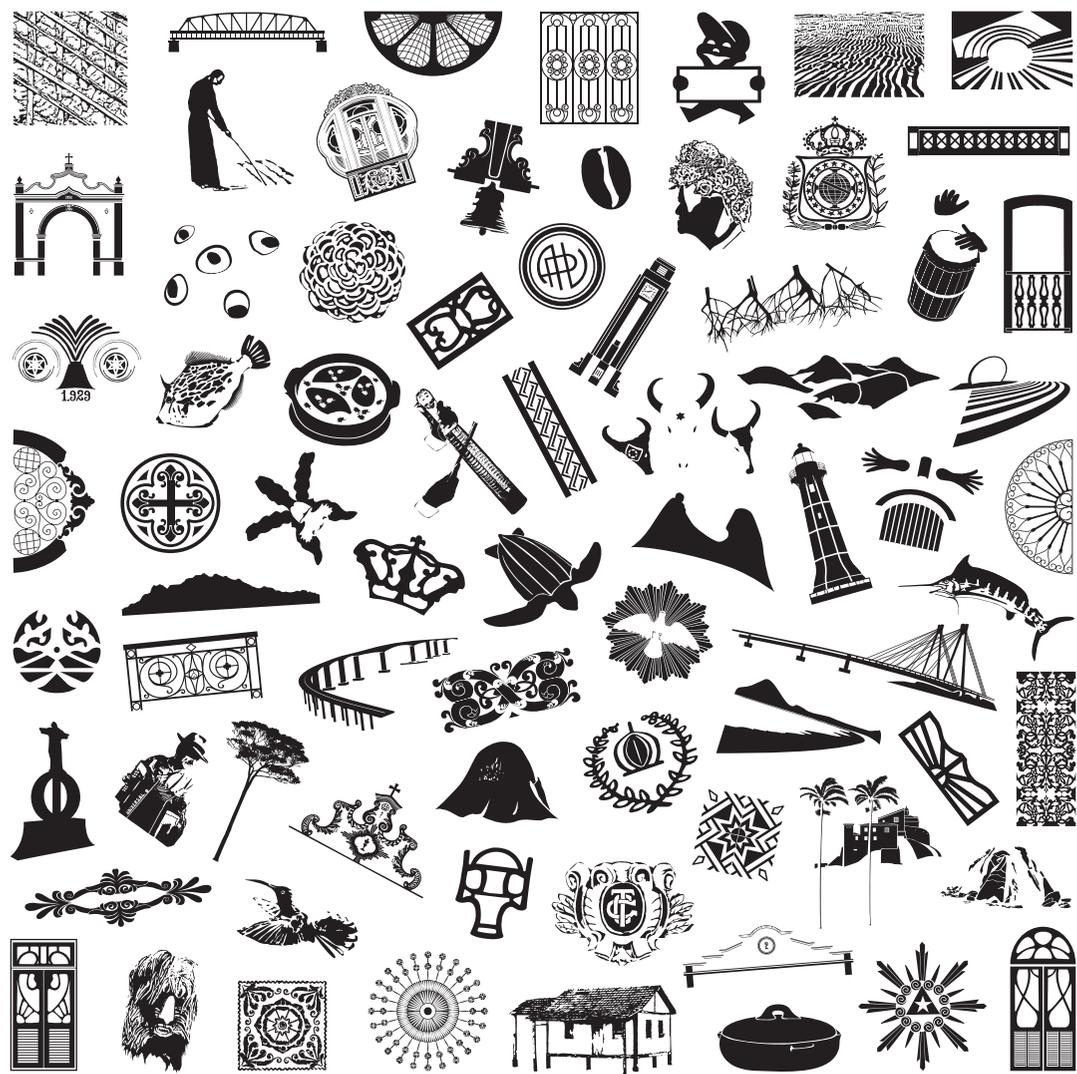
Iconografia Capixaba - Vitória,ES:  
SEBRAE/SECULT, 2009.

206 p.; il.

ISBN 978-85-7333-561-3

1. Iconografia

CDD 704.9



# ICONOGRAFIA CAPIXABA

MANUAL APLICATIVO

Vitória, ES - 2009

## Equipe SEBRAE/ES

### **Conselho Deliberativo Estadual Biênio 2009-2010**

Federação do Comércio do Estado do Espírito Santo - Fecomércio  
Titular: **José Lino Sepulcri** (Presidente do Conselho Deliberativo Estadual)  
Suplente: **João Elvécio Faé**

Agência de Desenvolvimento em Rede do Espírito Santo - Aderes  
Titular: **José Eduardo Faria de Azevedo**  
Suplente: **Francisco Carlos da C. Ramaldes**

Federação da Agricultura do Estado do Espírito Santo - Faes  
Titular: **Júlio da Silva Rocha Júnior**  
Suplente: **Abdo Gomes**

Banco de Desenvolvimento do Espírito Santo - Bandes S/A  
Titular: **João Guerino Balestrassi**  
Suplente: **José Antônio Bof Buffon**

Instituto de Desenvolvimento Industrial do Espírito Santo - Ideies  
Titular: **Luciano Raizer Moura**  
Suplente: **Alejandro Dueñas**

Federação das Associações Comerciais, Industriais e Agropastoris do Estado do Espírito Santo - Faciapes  
Titular: **Amarildo Selva Lovato**  
Suplente: **Arthur Avellar**

Federação das Indústrias do Estado do Espírito Santo - Findes  
Titular: **Lucas Izoton Vieira**  
Suplente: **Gervásio Andreão Júnior**

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE Nacional  
Titular: **Pio Cortizo Vidal Filho**  
Suplente: **Magaly Tânia Dias de Albuquerque**

Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes  
Titular: **Rômulo Augusto Penina**  
Suplente: **Carlos Coutinho Batalha**

Banco do Brasil S/A - BB  
Titular: **Luís Carlos Moscardi**  
Suplente: **Celso Soares Fioroti**

Caixa Econômica Federal - CEF  
Titular: **Antônio Carlos Ferreira**  
Suplente: **Carlos Aurélio Linhalis**

### **Conselho Fiscal - Biênio 2009- 2010**

Banco do Brasil S/A - BB  
Titular: **Henrique Silva Rubens**  
Suplente: **Élvio Ribeiro Lima**

Banco de Desenvolvimento do Espírito Santo - Bandes S/A  
Titular: **Maria Emília Vieira da Silva**  
Suplente: **Cláudia Costa Fernandes**

Federação das Indústrias do Estado do Espírito Santo - Findes  
Titular: **Tharcicio Pedro Botti**  
Suplente: **Clara Thais Rezende Cardoso Orlandi**

### **Diretoria Executiva do SEBRAE/ES**

**João Felício Scárdua**  
Diretor-Superintendente

**José Eugênio Vieira**  
Diretor de Atendimento

**Ruy Dias de Souza**  
Diretor Técnico

### **Equipe Técnica Responsável:**

**Gelisa Lara de Couto Bosi**  
Gerente da Unidade de Cultura e Turismo

**Roberto Cirico Maciel**  
Coordenação Técnica

**Débora Venturini Costa**  
Assistente da Unidade de Cultura e Turismo



## Equipe SECULT

**Paulo César Hartung Gomes**  
Governador do Estado do Espírito Santo

**Dayse Maria Oslegher Lemos**  
Secretária de Estado da Cultura

**Anna Luzia Lemos Saiter**  
Subsecretária de Estado de Patrimônio Cultural

**Bernadette Rubim Teixeira**  
Assessora de Artes Visuais

**Ricardo de Rezende Ferraço**  
Vice-governador do Estado do Espírito Santo

**Erlon José Paschoal**  
Subsecretário de Estado da Cultura

**Maurício José da Silva**  
Gerente de Ação Cultural

## Equipe BAOBÁ

**Marcos Leão**  
Coordenador Geral

**Mônica Guedes Broseghini**  
Produtora

**Adriano Perrone**  
Consultor de Geografia

**André Moreira de Assis**  
Consultor de Biologia

**Elyzabeth Salume Lima**  
Consultora de Arquitetura

**Ludmila Dutra**  
Consultora de Turismo

**Igor Broseghini**  
Diretor de Arte

**Tadeu Bianconi**  
Fotógrafo

**Alcy Martins Ferreira Júnior**  
Consultor de Design

**Eliomar Carlos Mazoco**  
Consultor de Folclore

**Lilian Couto**  
Revisora Ortográfica

**Silvana de Azevedo Cruz**  
Consultora de História



“O Projeto Iconografia do Espírito Santo é um instrumento de valorização do Estado, que apresenta à sociedade capixaba e brasileira um retrato da nossa cultura, nossos recursos naturais e potencial turístico, podendo assim proporcionar um maior desenvolvimento econômico e social ao nosso estado.” **Adriano Perrone - Geógrafo - Bacharel e Licenciado em Geografia e Pós-Graduado em Ecologia e Recursos Naturais pela UFES.**

“Espero que o Manual de Iconografia Capixaba supere todas as expectativas em suas diversas aplicações, de forma a possibilitar o desenvolvimento da identidade do estado e propiciar o desenvolvimento de todos os setores produtivos envolvidos.” **Alcy Martins Ferreira Junior - Designer - Mestrando em Administração pela UFES, MBA em Marketing Estratégico, Bacharel em Design (Desenho Industrial).**

“A individualização de elementos de nossa riquíssima fauna e flora na forma de ícones do Espírito Santo deverá fortalecer ainda mais a imagem desses elementos naturais junto ao povo capixaba e divulgá-los em cenário nacional, como marcas desse povo cujas raízes estão intimamente ligadas à natureza. Nossa expectativa é de que esses elementos iconográficos sejam incorporados em todos os meios e de todas as formas possíveis e auxiliem no reconhecimento da identidade capixaba.” **André Moreira de Assis - Biólogo - Graduado em Ciências Biológicas e Mestre em Biologia Vegetal pela UFES.**

“O mais importante, por ser duradouro, profundo e sutil, é o impacto no processo de identificação dos profissionais da criação capixaba, com seu universo simbólico, com o qual eles convivem cotidianamente. Um universo de signos mil, a expressarem gamas fantásticas de sentimentos, pertencimentos e conteúdo, que são matéria prima da indústria criativa, e cujo uso levará à dinamização da identidade capixaba e à sua forte, pungente e ativa expressão cultural, econômica e política, no cenário nacional.” **Eliomar Carlos Mazoco - Folclorista - Bacharel em História e Especialista em Políticas Públicas, ambos pela UFES.**

“Este manual da Iconografia Capixaba é um instrumento de permanente pesquisa para as várias atividades econômicas, colaborando assim, para que as idéias inovadoras possam ser reconhecidas com a própria identidade do que aqui se produz.” **Elyzabeth Salume Lima - Arquiteta Urbani-  
sta - Graduada pela UFES e pós graduada em Gestão do Patrimônio Cultural pela Universidade Estadual de Goiás - UEG.**

“Este manual de elementos iconográficos certamente é um importante passo para a identificação dos símbolos que definem a história, a cultura e o “modus vivendi” do capixaba. Retrata o sentimento puro de um povo e se tornará, em breve, num catálogo de consulta para profissionais das mais diversas áreas da cultura, artesanato e turismo.” **Ludmila Dutra - Turismóloga - Bacharel em Turismo pela Faculdade Hélio Alonso/RJ.**

“O Espírito Santo passou por muitos anos na obscuridade econômica e conseqüentemente política e cultural. Hoje, o Estado vive um momento de expressão nacional, a começar pela presença do petróleo e de seus derivados, logo, esse é o momento para que haja sua projeção no Brasil, sua cultura precisa ser mostrada, pelo seu brilhantismo e singularidade, assim como pela sua beleza natural. Esse projeto será capaz de evidenciar suas características e torná-las desejosas pelo nosso país e, com isso o resultado será, com toda certeza, uma corrida pelo seu conhecimento.” **Silvana de Azevedo Cruz - Historiadora - Graduada em História pela UFJF/MG, pós-graduada pela Faesa e Mestre em Educação pela Universidade de Havana.**

“Minha expectativa é que esse manual melhore a auto-estima do capixaba e ao mesmo tempo proporcione a ele a oportunidade de conhecer melhor o Espírito Santo.” **Tadeu Bianconi – Fotógrafo - Graduado em Comunicação Social pela UFES.**

# Prefácio

No detalhe, o todo. No indício, a essência. No vestígio, a marca. Esta Iconografia Capixaba convida a todos os que dela se avistarem a uma viagem pelas expressões do jeito de viver nas terras capixabas.

O itinerário é sumário, mas bem significativo de nossa flora, fauna, arquitetura, geografia, personagens, economia e cultura, entre outros. São elementos de nossa identidade dispostos e divulgados de forma a fazer circular os ícones da vida capixaba. Num tempo de privilégio das imagens no processo de comunicação, nada mais relevante do que se comunicar por meio delas. Na era marcada pela intensa disputa da atenção, os ícones são um item obrigatório de captura do olhar e referência. São pequenos elementos que dizem muito. São como convites à exploração e ao conhecimento. São quase poesias, que, reunindo poucas palavras, deslindam universos. São traços eloqüentes dos passos dados até aqui, editados pelo olhar contemporâneo que quer narrar o que somos, aonde e como chegamos.

Aos empreendedores desta iniciativa, Secretaria de Estado da Cultura e Sebrae-ES, e aos pesquisadores desta obra, nossos cumprimentos. Aos criadores do campo da comunicação, potenciais beneficiados/usuários desse trabalho, nosso convite a sua utilização. A todos os felizardos leitores, uma boa viagem ao universo das manifestações simbólicas capixabas.

**Paulo Hartung**

Governador do Estado do Espírito Santo

**A cara do Espírito Santo** A Secretaria de Estado da Cultura tem a honra de lançar a público o Manual de Iconografia Capixaba visando, sobretudo, ao fortalecimento da identidade capixaba e da imagem do Estado do Espírito Santo interna e externamente, a partir do registro, da divulgação e da reprodução dos ícones que mais o representam e o simbolizam. Quando pensamos em algum Estado brasileiro imediatamente nos vem à cabeça uma ou várias imagens que o caracterizam, seja um acidente geográfico, uma beleza natural, uma edificação histórica ou uma manifestação cultural. São sempre imagens carregadas de sentido e de história, que identificam um povo ou uma comunidade e com as quais esse mesmo povo e essa mesma comunidade se identificam como algo inerente ao seu imaginário e às suas referências culturais, uma espécie de espelho sócio-cultural que nos reflete e, ao mesmo tempo, nos mostra.

O presente Manual não se pretende completo e nem seria possível uma tal tarefa, uma vez que, seja qual for a metodologia utilizada, sempre haverá uma provável ausência. De qualquer modo, ele vem preencher uma lacuna importante pela inexistência de publicações similares, e contribuirá efetivamente para a construção contínua de uma imagem de nosso Estado que esteja à altura de suas belezas e de sua riqueza cultural, de seu potencial criativo e de sua força econômica. Ele é também mais um resultado do Programa de Desenvolvimento da Cultura Capixaba, uma parceria bem sucedida entre SECULT e SEBRAE/ES, que tem desenvolvido ações de pesquisa, capacitação e promoção em diversas áreas da cultura. Que todos se vejam espelhados nesse mosaico de imagens composto por beija-flor, casaca, convento da Penha, casario do Porto de São Mateus, Santuário de Anchieta, o Frade e a Freira, o Ticumbi, a panela de barro e inúmeras outras. Tudo isso forma um desenho que mostra a nossa cara, a cara do Estado do Espírito Santo.

**Dayse Maria Oslegher Lemos**

Secretária de Cultura do Espírito Santo

# Apresentação

O lançamento do Manual de Iconografia do Espírito Santo é uma ação importante no que diz respeito à prospecção, à difusão e à valorização dos elementos visuais que povoaram o imaginário do povo capixaba no transcorrer de sua vivência cotidiana ao longo de sua história.

Os arquétipos contidos nesta obra servirão de inspiração para os capixabas criativos e produtivos no campo da indústria, do comércio e da prestação de serviços, e certamente serão uma importante ferramenta no processo de criação para designers, artesãos, estilistas e outros profissionais.

É importante salientar que o presente trabalho pretende exercer a função de referencial gráfico, com a missão de iniciar um processo ainda maior de “culturalização” da economia do Espírito Santo. Através deste manual de referência, o desenvolvimento de produtos ganha uma dimensão de valor ainda mais ampliada, onde o território e suas riquezas poderão ser utilizados como atributos de inspiração para a produção e comercialização de produtos genuínos, autênticos, marcados por uma visualidade e por uma territorialidade essencialmente capixabas.

Essa identidade se expressa por meio de símbolos e de elementos gráficos que nos remetem à história, à cultura, aos monumentos e aos elementos naturais que compõem os bens culturais materiais e imateriais do Estado do Espírito Santo.

Esta não é uma obra estática, que se finaliza no momento da publicação: ao contrário, deve servir de inspiração para o surgimento de novos símbolos e de imagens que possam ser utilizadas pelo mercado como forma de agregar valor à produção criativa do Espírito Santo.

Não deve ser entendido como um mapa dos elementos turísticos do Estado, nem tampouco como uma relação dos seus principais atrativos - trata-se de um manual gráfico onde as belezas, atrativos e configurações foram elencadas não só por sua representatividade, mas também por sua utilidade como símbolo gráfico aplicável, podendo ser reconstruído continuamente. É um documento-base que estimula e que salienta uma nova forma de olhar o elemento local enquanto diferencial competitivo, agregando valor aos produtos e aos serviços que produzimos.

Criar, reproduzir, inovar e olhar são os eixos fundamentais que norteiam o conceito deste material. Portanto, esperamos que este Manual de Iconografia seja um importante instrumento de trabalho para todos aqueles que vêm no Espírito Santo possibilidades reais de sucesso. Boa leitura!

**João Felício Scárdua**

Diretor Superintendente SEBRAE/ES

Nós seres humanos nos distinguimos das demais espécies, entre outras questões, pela capacidade de armazenar informações e transmiti-las às gerações seguintes. Uma das maneiras mais antigas para a transmissão dessas informações é o desenho. Paredes de cavernas, pirâmides e igrejas serviram de suporte para a utilização de uma linguagem feita de símbolos que ajudou o homem na comunicação. Padrões foram criados para comunicar e diferenciar grupos, povos e culturas. Os brasões e bandeiras, a arquitetura e moda, são bons exemplos. É importante e necessário nesse contexto, compreender o desenho como sendo uma forma de representação visual: O desenho de uma casa, de um piso de tábuas corridas, do relevo de uma montanha, da textura de uma parede ou mesmo de uma festa. Assim o desenho passa a fornecer a identidade do local e a contar sua história. O processo de transformação do desenho em Ícone passa por um processo com etapas bem definidas de pesquisa; seleção e interpretação de imagens; digitalização; e vetorização. Assim chegamos ao Ícone.

Mas o que é Ícone? E Iconografia?

**Ícone** é uma palavra que se origina do grego “eikon” e significa imagem, e **Iconografia** é a união de “eikon” com “graph” radical de “graphein” que significa descrever, ou seja descrição de imagens. A palavra ícone possui algumas definições que embora não sejam totalmente contraditórias, tem significados diferenciados de acordo com o contexto no qual seja utilizada. Em Informática ícone é “um pequeno desenho representando um atalho para um arquivo específico”; no contexto das Artes Plásticas ícone é “um tipo de arte pictórica com motivos religiosos”; para o campo da Comunicação ícone é “a representação gráfica de algo portador de informação”. No nosso caso trabalhamos com conceitos recentes, e ainda em formação, de ícone e iconografia como **Elementos de Identidade Cultural** e dentro deste contexto, utilizamos os seguintes significados:

Ícone - Expressão gráfica da imagem real de um objeto, de um atrativo, ou de uma manifestação, relevantes para determinado grupo, e que somente irá existir se for reconhecida pela força de seu desenho e de seu significado.

Iconografia - Conjunto de imagens extraídas do repertório visual local, que sejam significativas para a cultura da região, seguindo sua história, crenças e valores sócio-culturais.

A busca por essas imagens nos levou a percorrer o estado procurando identificar, nos atrativos, os elementos mais simples e autênticos. Os pequenos detalhes que em algumas situações nos falam mais que o todo, e que ajudam a colocar em evidência o próprio atrativo. A proposta de criação da Iconografia é a de formar uma coleção de Ícones, mas é importante lembrar que essa coleção não tem a pretensão de ser um trabalho definitivo. Ela reflete a visão de um momento e de uma metodologia, e a interpretação, por parte do designer, dessas imagens. Tem sim responsabilidade por ser a pioneira, a desbravadora de um campo fértil, e também a inspiradora de novas manifestações de resgate cultural do repertório visual do estado, valorizando cada vez mais a cultura do Espírito Santo.

Esperamos que a Iconografia Capixaba inspire tanto a comunidade criativa como a empresarial, a agregar significado, e com isso valor, em suas produções por meio da apropriação desse belo repertório, fortalecendo a identidade regional, e com ela dinamizando o setor produtivo e a economia local.

**Marcos Leão**

Baobá Design & Marketing



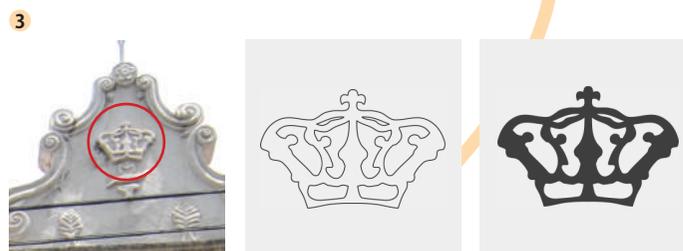
Macro processo

1. Pesquisa e seleção dos atrativos

2. Localização e registro fotográfico

3. Processamento gráfico

4. Aplicação final



# Metodologia

Definir quais são os ícones de um estado não pode, nem deve, ser atribuição exclusiva de um só olhar ou uma só pessoa. Para chegarmos a definição dos ícones apresentados nesta publicação um longo caminho foi percorrido, através da participação de diversos profissionais e instituições, envolvidas em um processo metodológico que visou acima de tudo manter a legitimidade e a transparência das indicações.

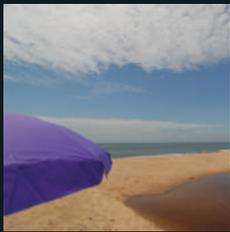
Seguindo esse critério foram preparadas duas fontes de informação preliminares:

- a) uma listagem através da indicação dos consultores que fizeram parte da equipe técnica do projeto, sobre os principais pontos de atração de interesse que o Espírito Santo possui, dentro da área de atuação de cada um dos consultores (arquitetura, biologia, design, geografia, história, turismo e folclore);
- b) pesquisa no Inventário da Oferta Turística, produzido pelo Sebrae ES; Relatório de Bens Tombados ou em processo de tombamento pela Secretaria de Cultura do Estado; acervo do Arquivo Público do Estado, livros, revistas e encartes, que pudessem demonstrar elementos que formam o inconsciente imagético coletivo capixaba.

Essa forma de levantamento de dados deu uma visão interna, do que o povo capixaba pensava e onde se enxergava capixaba. Faltava ainda a visão externa, aquela que só quem é de fora é capaz de perceber algo tão pessoal e tão próximo que não somos capazes de notar. Através de uma pesquisa feita com colaboradores do Sebrae de outros estados do Brasil, foi feita uma pergunta: Quando falamos em Espírito Santo (estado da federação brasileira), quais são as cinco principais imagens, lembranças ou sensações que lhe vem à mente? As respostas foram anexadas ao documento de pesquisa. Ao final desta etapa a pesquisa contava com 1326 indicações.

A seguir, após um processo de cruzamento de informações, as indicações que tiveram mais de 3 referências de fontes distintas, seriam qualificadas como atrativos. O documento gerado por esse processo contou com 106 atrativos. Os consultores foram reunidos para legitimarem a relação, fazendo as considerações que achassem necessárias. O passo seguinte foi a produção de imagens desses atrativos. Foi preparado um roteiro, contemplando o máximo de cidades, dentro do período estabelecido para esta etapa. Os atrativos que porventura estivessem em cidades fora desse roteiro, tiveram suas imagens retiradas de acervos fotográficos já existentes. A partir desse universo de imagens e após as consultas aos promotores do projeto, Sebrae ES e SeCult, ficou definida uma listagem com 61 atrativos para passarem pelo processo de tratamento gráfico. Este processo consiste em seleção e análise da imagem, identificação do grafismo, abstração do ícone, e vetorização do elemento gráfico.

Os ícones são, em muitas situações, imagens de elementos visuais retirados dos atrativos e não exatamente o atrativo em si. Procuramos trabalhar não apenas com o óbvio, ou seja, sua imagem literal, mas também com as formas e elementos que fornecem características visuais marcantes a esses atrativos. Por isso alguns ícones podem parecer, sob uma visão superficial, formas abstratas e sem relação com o atrativo, e outros são mais facilmente identificáveis. A história do atrativo e a qualidade da interpretação gráfica do detalhe selecionado é que dão ao ícone as condições de aplicabilidade e os tornam elementos de identificação da cultura local.



## Paleta de cores

A inspiração para a formar a paleta de cores veio, principalmente, das manifestações naturais do estado. Foram ainda contemplados três outros aspectos muito característicos em termos de cor: a bandeira do estado, a panela de barro e a moqueca capixaba. As cores foram selecionadas de acordo com um aspecto significativo do estado, e nomeadas de forma a se relacionar com esse aspecto.

Verde - foram selecionados em 3 tonalidades, conforme os aspectos característicos da vegetação no estado: o Verde Mata, extraído do Vale do Canaã, exemplar característico de Mata Atlântica representando principalmente a região das Montanhas; o Verde Mangue; e o Verde Litoral retirado da Salsinha da Praia, típica planta rasteira de praias capixabas.

Azul – os 3 tons de azul selecionados foram retirados do mar, do céu e da bandeira do estado.

A cor Rosa foi inspirada pela pela bandeira capixaba que é a única em todo o planeta a ostentar essa cor, e também pela cor característica que o céu apresenta na época do inverno.

O Lilás vem das orquídeas tão características e presentes no estado.

A inspiração para o Vermelho veio do café, mas não do café como bebida e sim como produto ainda na plantação, na roça. Foi uma forma de homenagear todos os trabalhadores das lavouras de café que geram essa enorme riqueza do estado.

O Marrom é a cor característica da panela de barro símbolo do artesanato e da cultura capixaba.

As tonalidades de laranja foram determinadas pela cor da Moqueca, caracterizada pela utilização do urucum, e pelas conchas que tanto influenciaram o artesanato, assim temos o Coral Moqueca e o Ocre Concha.

As tonalidades amareledas aparecem com inspiração nas areias do litoral norte e sul do estado, simbolizadas pelas areias das praias de Marataízes (sul) e Itaúnas (norte). Assim foi criada a Paleta de Cores Capixaba, buscando representar em 14 cores toda a riqueza e esplendor do estado do Espírito Santo.



## Código de cores

As referências aqui apresentadas servem de apoio para trabalhos que desejam ter “a cara do Espírito Santo”. As cores da paleta estão especificadas em duas referências básicas: quadricromia (CMYK), para aplicações em impressos gráficos, assim como o Pantone, e o padrão hexadecimal para cores de vídeo, utilizadas em projetos web. A utilização desses padrões, através de seus códigos, propiciarão ao profissional a certeza da aplicação correta das cores desta paleta em seus trabalhos, garantindo assim uma forma de agregar a identidade capixaba ao conjunto da obra de seus criadores.

Verde Mangue - C 70, M 0, Y 100, K 25 - Pantone: 363C - Web: #338C26

Verde Mata - C 80, M 0, Y 100, K 55 - Pantone: 357C - Web: #144D29

Verde Litoral - C 55, M 0, Y 100, K 0 - Pantone: 376C - Web: #7DB900

Rosa Céu - C 0, M 80, Y 10, K 0 - Pantone: 212C - Web: #F54A91

Azul Bandeira - C 85, M 5, Y 0, K 0 - Pantone: 299C - Web: #00A3E0

Azul Céu - C 100, M 60, Y 0, K 0 - Pantone: 293C - Web: #0047BA

Azul Mar - C 65, M 20, Y 0, K 0 - Pantone: 542C - Web: #6699C2

Marrom Panela - C 0, M 60, Y 100, K 80 - Pantone: 4625C - Web: #4D2612

Vermelho Café - C 0, M 100, Y 100, K 10 - Pantone: 186C - Web: #CF1412

Coral Moqueca - C 0, M 50, Y 100, K 10 - Pantone: 166C - Web: #D95900

Areia Marataízes - C 0, M 15, Y 35, K 0 - Pantone: 1205C - Web: #FFCC99

Ocre Concha - C 0, M 30, Y 100, K 5 - Pantone: 124C - Web: #F4AD12

Areia Itaúnas - C 0, M 5, Y 15, K 5 - Pantone: 7499C - Web: #F2E8C7

Lilás Orquídea- C 45, M 70, Y 0, K 0 - Pantone: 2582C - Web: #AB45BF





Arquitetura

## Capela de Santa Luzia



Edificada no séc. XVI, foi a capela particular da fazenda de Duarte Lemos, na sesmaria doada pelo primeiro donatário da Capitania do Espírito Santo, Vasco Fernandes Coutinho. Localizada na Cidade Alta, no Centro de Vitória, a capela encontra-se sobre uma rocha com um afastamento frontal que dá lugar a uma escada de acesso, cujos degraus foram esculpidos na própria pedra. No seu interior, encontramos a nave, mais alta, a capela-mor e a sacristia. O frontão com volutas, acima da porta de acesso, foi acrescentado no séc. XVIII na tentativa de adequá-la ao estilo barroco como ocorria em várias construções no resto do Brasil, criando assim uma arquitetura mais sofisticada. A capela de Santa Luzia é um bem tombado pelo SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), atual IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) desde 1946.

## Coroa no frontispício



## Casa de colono



Este tipo de arquitetura consagrou-se no Estado na primeira metade do séc. XX e revela a influência da cultura italiana. Foi utilizada por todas as etnias de pequenos proprietários de terra. Caracteriza-se pela planta retangular; estrutura de madeira em esqueleto afastada do solo, através de pilotis; piso de tábuas; paredes de taipa de mão elaborada, tijolos ou adobe; telhado em duas águas e varanda ao longo da fachada principal. “Esta sua identidade peculiar torna-a, em âmbito mundial, uma manifestação arquitetônica exclusiva da terra espírito-santense, constituindo um patrimônio cultural único, que deve ser devidamente valorizado e protegido.” (POZENATO, 1995, p.527)

## Casa sobre pilotis

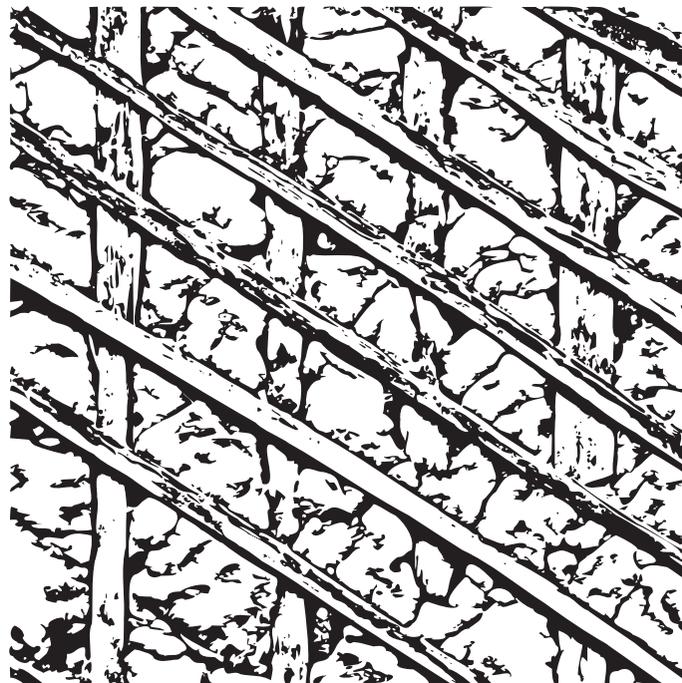


## Casa Lambert



“A casa construída pelos imigrantes italianos, os irmãos Virgílio e Antônio Lambert, é o único exemplar das primeiras edificações do período da fundação da cidade de Santa Teresa em 1875. É uma edificação de dois pavimentos e de dimensões modestas. A planta original recebeu algumas alterações advindas das necessidades de novos usos. Possui alicerce de pedra, estrutura em madeira, paredes construídas em taipa, sendo utilizado o sistema italiano que se difere daquele que era usado no Brasil; tem o arcabouço de madeira em três camadas: a do meio na vertical e as externas na diagonal em sentido contrário. O telhado é de duas águas com cobertura em tabuinhas (escândulas). Como bem de importância relevante, foi tombada como patrimônio cultural capixaba, pelo Conselho Estadual de Cultura, em 1985.”

## Textura de taipa



## Casario de Muqui

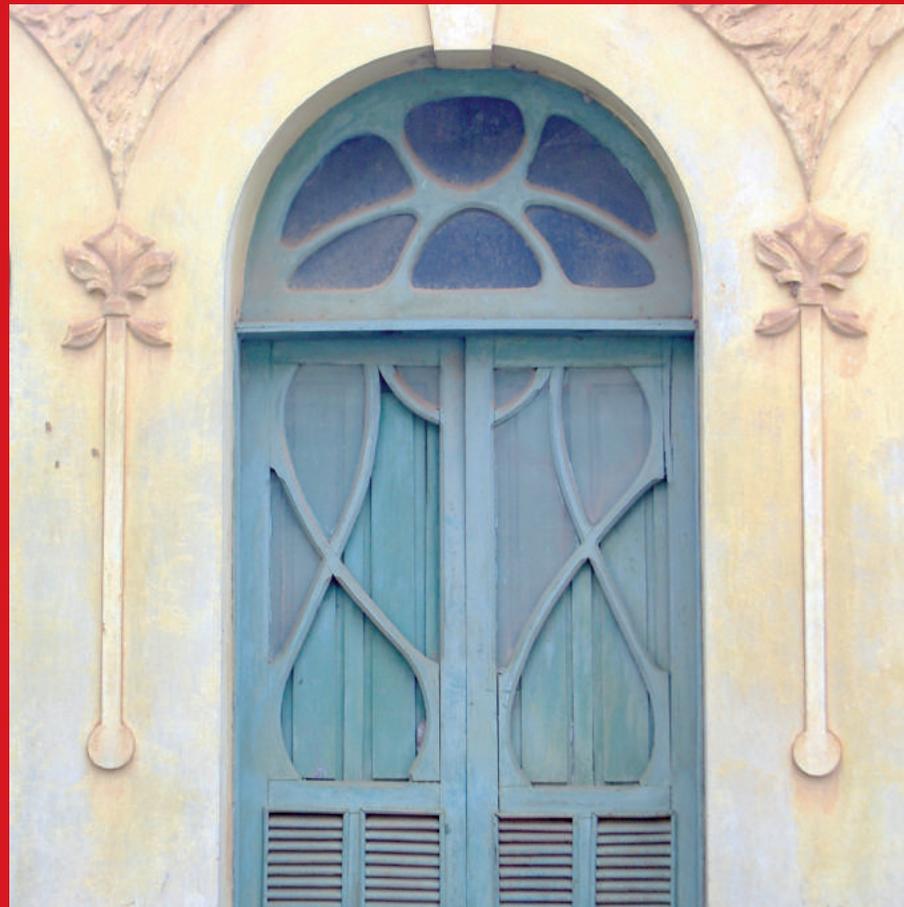


“O conjunto arquitetônico urbano que encontramos em Muqui é reflexo da pujança econômica do município na segunda década do séc. XX. Gerada pela produção e principalmente pela comercialização cafeeira, favorecida também pela implantação da ferrovia, esta riqueza propiciava novos recursos de construção e uma nova maneira de construir. Este período é marcado pelas reformas das edificações anteriores e grande número de novas construções.”

## Janela



## Casario de Muqui



Foi sob a inspiração do ecletismo e a vinda dos primeiros estucadores de Campos, que Muqui ganha uma arquitetura mais requintada, com um refinamento técnico executado com materiais de acabamentos industrializados e mão de obra especializada. O movimento eclético na arquitetura vem atender com eficiência um período de transformações com inovações tecnológicas inseridas nos padrões arquitetônicos já existentes. Tanto nos sobrados quanto nas casas térreas, as fachadas passam a ostentar uma ornamentação mais rebuscada, com gradis e balaústres elaborados. As portas e janelas externas tinham o mesmo desenho apresentando venezianas e vidros coloridos em caixilhos trabalhados formando figuras variadas.

## Janela

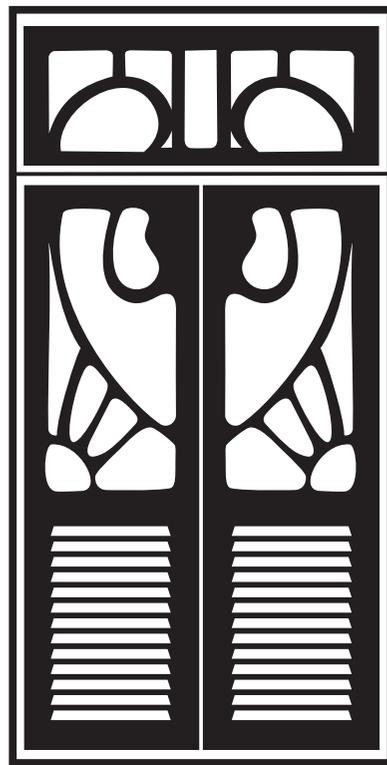


## Casario de Muqui



Destaca-se nessa questão o trabalho do marceneiro José Derci na execução das esquadrias. Telhados ocultos por platibandas com arremates de cobertura bastantes rebuscados, indicando um claro liberalismo estético. Essas tendências eram acompanhadas no acabamento dos interiores das edificações. É um cenário carregado de significados que retratam as relações econômicas, sociais e culturais de uma sociedade. Cerca de 200 edificações estão em processo de tombamento pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

# Janela



## Casario de Santa Leopoldina



Localizada na região serrana do Espírito Santo, foi fundada pelos portugueses em 1535, às margens do rio Santa Maria da Vitória com a antiga denominação de Porto do Cachoeiro. Em 1857, chegaram os primeiros imigrantes: suíços, luxemburgueses, tirolezes, holandeses, belgas e principalmente italianos e alemães. Foi a colônia mais populosa do Brasil, emancipada em 1887 e nomeada de Cachoeiro de Santa Leopoldina. Devido a localização estratégica às margens do Rio Santa Maria, que favorecia o acesso à baía de Vitória, Santa Leopoldina foi o principal centro comercial do Espírito Santo nas primeiras décadas do séc. XX. Toda a produção agrícola da região serrana, principalmente o café, era transportada até seu porto e dali ia para a capital. No sentido inverso, o desenvolvimento trazia novos recursos para as construções, fossem os equipamentos importados ou mão-de-obra para utilizá-los.

## Bandeira



## Casario de Santa Leopoldina



Embora com uma configuração urbana colonial, a produção arquitetônica do início do sec. XX em Santa Leopoldina, reflete as transformações ocorridas no modo de construir dos grandes centros. As fachadas dos sobrados exibem aplicações de elementos decorativos em massa, tecnicamente mais elaborados, o uso dos gradis de ferro, nos balcões, portões e bandeiras das portas dos estabelecimentos comerciais (caprichosas obras de serralheria) telhados ocultados por platibandas, condutores de ferro fundido, esquadrias com vidros coloridos, enfim a tecnologia disponibilizada pela indústria daquela época. erguidas naquele período.

## Bandeira



## Casario de Santa Leopoldina

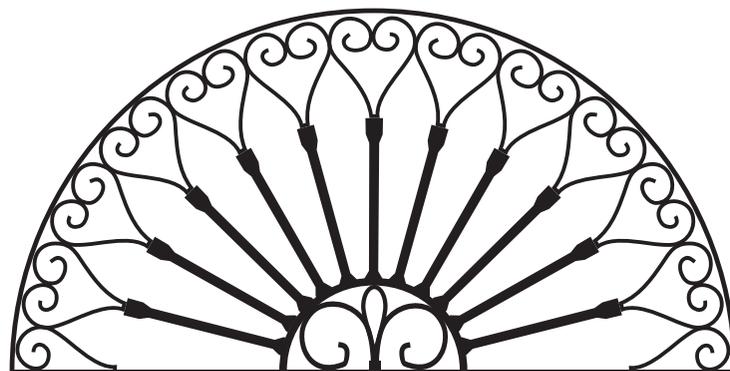


“

Com a construção da estrada entre Santa Leopoldina e Vitória, desapareceram as grandes firmas, a cidade perdeu a condição de entreposto comercial, e a economia local entrou em colapso. O conjunto arquitetônico localizado na área central da cidade é testemunho do apogeu econômico vivido pelo município. São 38 imóveis datados do final do século XIX e início do século XX, todos tombados pelo Conselho Estadual de Cultura.

”

## Bandeira



## Casario de São Pedro de Itabapoana



“ São Pedro de Itabapoana é hoje distrito de Mimoso do Sul. O município surgiu de uma sesmaria, antes pertencente aos jesuítas. Mais tarde, as terras foram arrematadas por Antônio Pereira da Silva Viana, no ano de 1776. A ocupação da região começou na localidade denominada Limeira, às margens do rio Itabapoana, com um porto fluvial que contribuiu para o desenvolvimento da região. Mas, com o passar do tempo, para fugirem de uma série de enfermidades relacionadas aos hábitos ribeirinhos, os moradores da vila migraram para a região de montanha. Devido à devoção ao santo protetor dos pescadores, a vila recebeu o nome de São Pedro e, em 1887, de São Pedro de Itabapoana. Os povoadores vieram dos Estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Prosperaram aí com o cultivo do café, principalmente com a chegada da ferrovia na região. A cidade foi sede municipal até 1930. ”

# Óculo



## Casario de São Pedro de Itabapoana



O núcleo urbano é formado por um conjunto de casas térreas construídas sobre o alinhamento da rua. Uma arquitetura modesta que mostra claramente a simplicidade das técnicas construtivas e apresenta, em alguns exemplares inspirados no estilo Chalé, uma característica peculiar: o uso de um par de óculo, no frontão da fachada principal, responsável pela ventilação sob telhado. Hoje, 41 imóveis residenciais, os prédios da Cadeia e Igreja e o calçamento pé-de-moleque foram tombados pelo Patrimônio Histórico Estadual.

## Óculo



## Casario do Porto de São Mateus

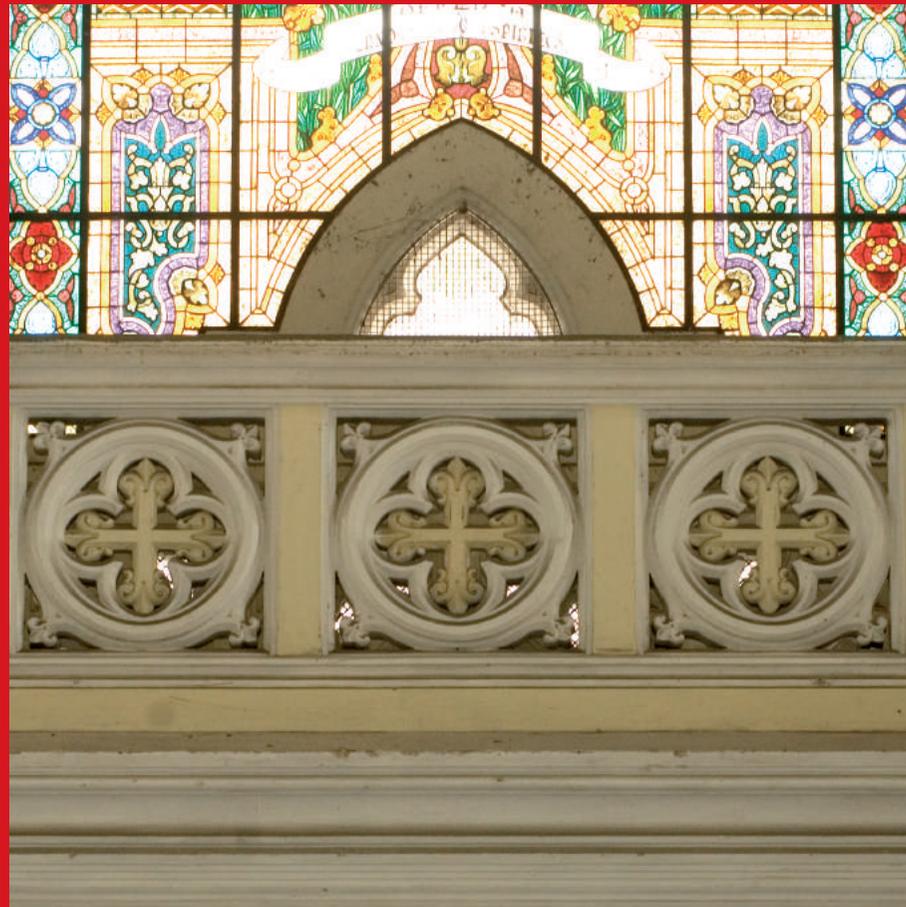


O Município de São Mateus está localizado no norte do ES a 220 km de Vitória. A cidade recebeu esse nome por ter sido visitada, em 21 de setembro de 1549 (dia do evangelista Mateus), pelo padre jesuíta José de Anchieta. O Porto de São Mateus teve grande importância no passado, foi o porto que mais exportava farinha de mandioca no Brasil, e também porque nele desembarcou grande parte dos negros escravizados que vieram para o Brasil, tendo sido nele apreendido o último carregamento clandestino na costa brasileira em 1856, de 350 africanos. O casario do Porto de São Mateus, às margens do Rio Cricaré, guarda lembranças de sua importância econômica, política e histórica.

## Detalhe decorativo na fachada

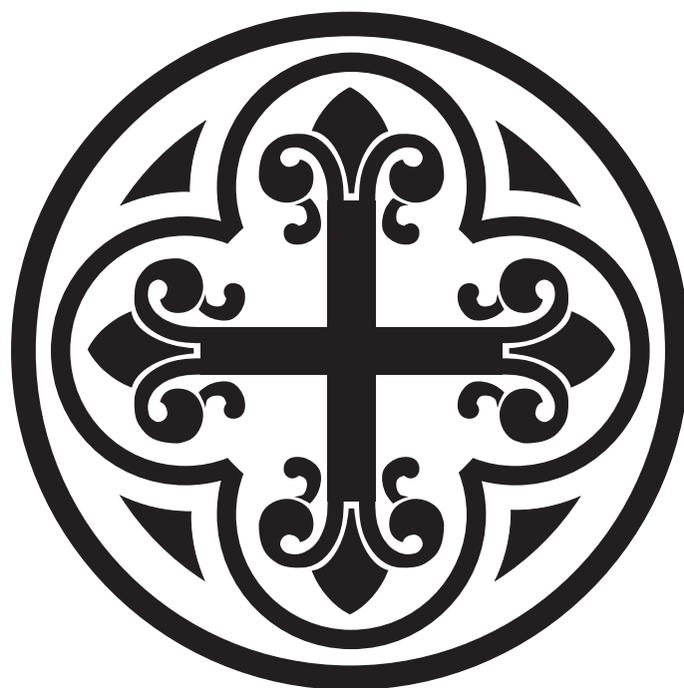


## Catedral Metropolitana de Vitória



Localizada no Centro de Vitória, na região denominada Cidade Alta, a antiga Igreja Matriz foi demolida em 1918 para dar lugar a uma igreja maior e que melhor acomodasse o número de fiéis. Em 1920, inicia-se a construção da nova Catedral, que viria a ser concluída apenas na década de 70.

Detalhe do guarda-corpo do balcão

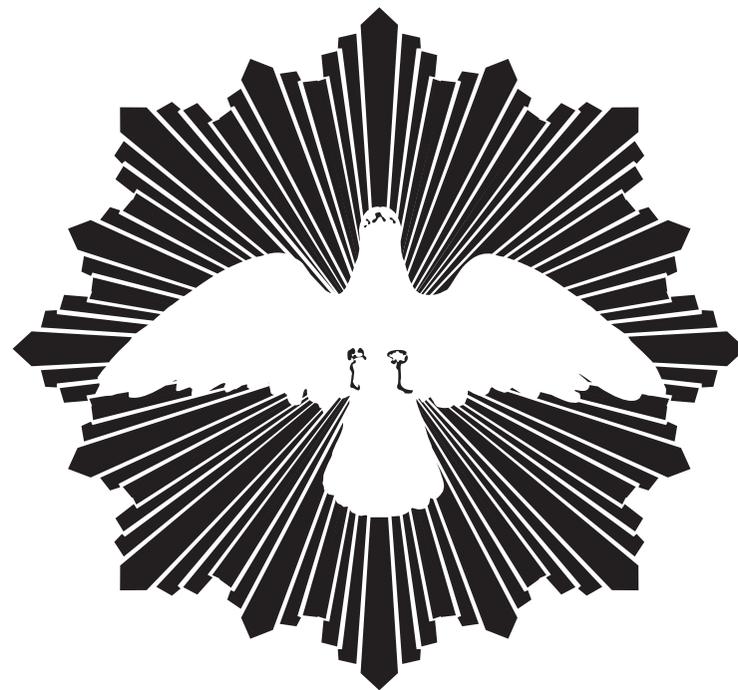


## Catedral Metropolitana de Vitória

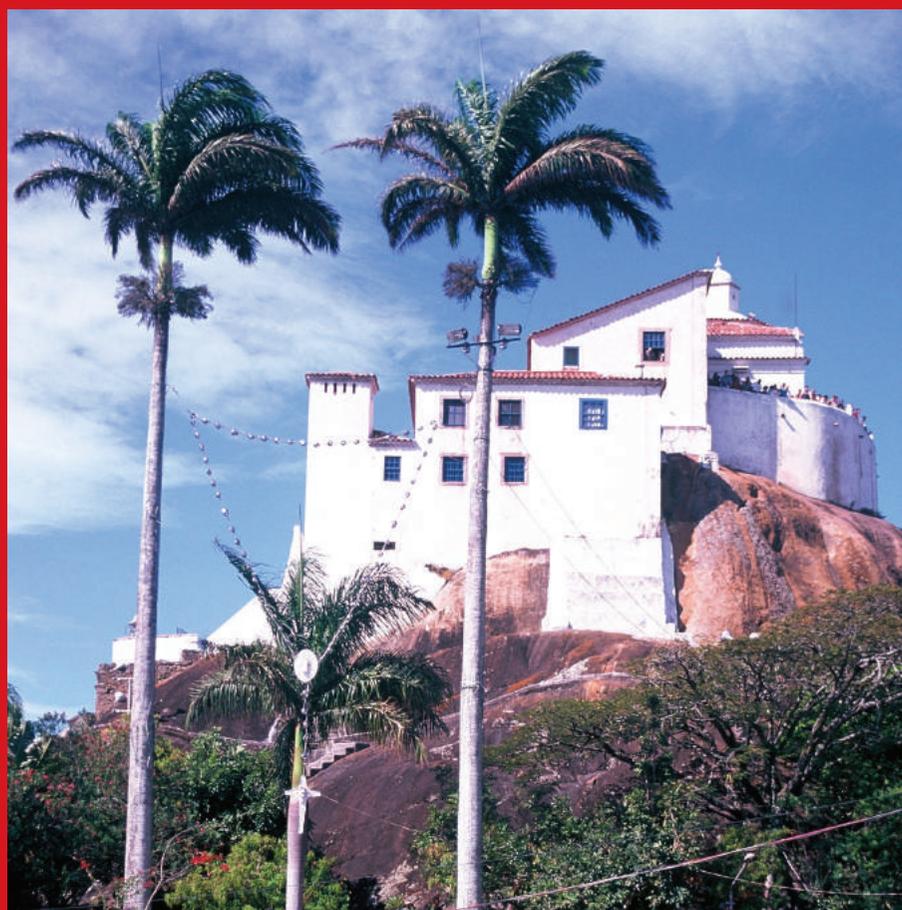


“ O projeto inicial foi feito pelo desenhista e paisagista Paulo Motta. A obra, porém, ficou muitos anos paralisada e, quando foi reiniciada nos anos 30, um novo projeto foi feito pelo arquiteto André Carloni, que aproveitou as partes já concluídas da estrutura e manteve o mesmo estilo neogótico com nave, capela-mor, coro, sacristia, transepto, cripta, inspirados na Catedral de Colônia. ”

## Divino Espírito Santo



## Convento da Penha



Um outeiro situado na entrada da baía de Vitória, a 154m de altitude, no topo do morro da Penha com vista para as cidades de Vila Velha e Vitória, o Convento é o principal monumento religioso do Espírito Santo, consagrado a Nossa Senhora da Penha, padroeira do estado. Está localizado em área de Mata Atlântica integrante do patrimônio natural do Espírito Santo. O convento da Penha é um conjunto arquitetônico que foi edificado ao longo de várias épocas.. O Frei franciscano Pedro Palácios, espanhol de Medina do Rio Seco, foi seu fundador. Inicialmente, optou por uma vida reclusa, preferindo morar numa gruta ao pé do morro, próximo à Prainha onde desembarcara. Consigo trouxe um quadro de Nossa Senhora das Alegrias e uma imagem de madeira de São Francisco de Assis, diante dos quais reunia, regularmente, pessoas para orações. Contam a lenda e a História que o quadro desaparecia inexplicavelmente, tendo Frei Pedro Palácios, mais tarde, encontrado o mesmo no alto do morro, entre duas palmeiras e sobre uma rocha. O Frei decidiu fixar-se ali, erguendo uma pequena capela onde foi colocada a imagem de São Francisco de Assis, no ano de 1566. Desde então, a Ermida das Palmeiras veio recebendo acréscimo e reformas até meados do séc. XX, delineando assim, sua forma atual.

## Vista do Convento

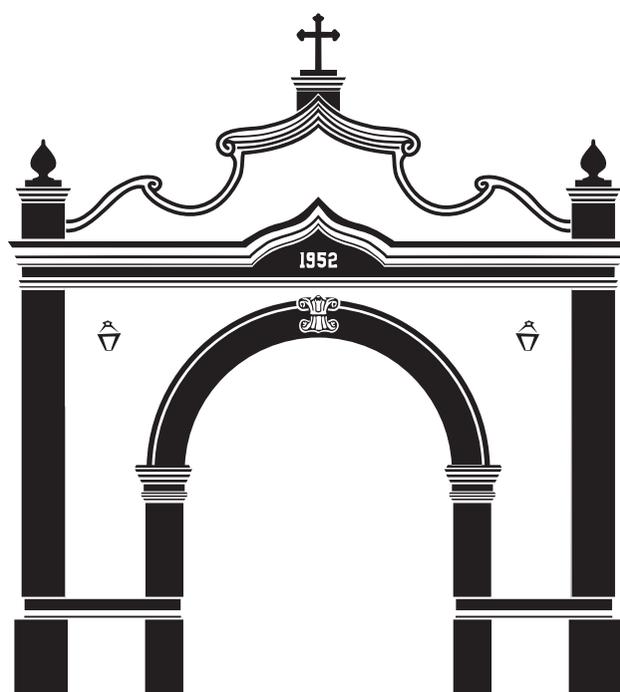


## Convento da Penha



Hoje, o conjunto conta com o convento, museu, sala dos milagres, lojas de artefatos religiosos, concha acústica, lanchonetes, estacionamento e mirante. O museu de Nossa Senhora da Penha guarda objetos do acervo histórico e religioso do Convento como peças sacras, de liturgia, vestimentas e documentos. Na Sala dos Milagres, expõem-se ex-votos ofertados a Virgem da Penha. A festa em homenagem a Santa padroeira acontece oito dias após a Páscoa e reúne um grande número de fiéis de todo o estado e de outros estados que chegam em romaria subindo pelas Ladeiras das Sete Voltas, também conhecida como da Penitência ou das sete alegrias de Nossa Senhora, até ao Convento. O monumento foi tombado pelo IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) em 1943, Lei Federal – Processo n 232-T, Livro do Tombo Histórico n. 224 folha 37.

## Pórtico de entrada

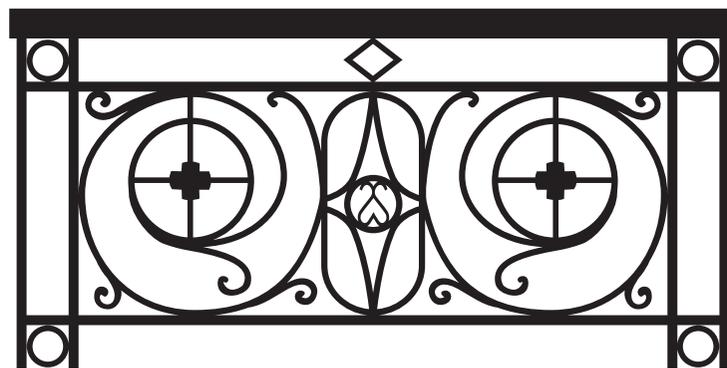


## FAFI



Construído em 1926, o prédio da antiga Faculdade de Filosofia, FAFI, que lhe deu a alcunha pelo qual ainda é conhecido, é um edifício símbolo de um processo histórico de mudanças na cidade de Vitória. Erguido com o poderio do dinheiro do ciclo do café, ele foi mais uma obra de uma série de intervenções urbanas que na década de 20 mudaram o perfil da cidade de Vitória. A construção de novos prédios, pontes, ferrovias, escadarias, praças, a abertura de avenidas marcaram a remodelação da antiga cidade colonial portuguesa de traçados estreitos, sinuosos e insalubres a qual foi posta abaixo.

## Guarda corpo do mezanino



## FAFI



De arquitetura eclética, misturando padrões clássicos europeus, o prédio ocupou várias atividades públicas ao longo da sua vida, principalmente na área educacional, passando por suas paredes e bancos escolares vários intelectuais que forjaram a identidade capixaba. Abandonado por um período em que suas instalações foram usadas por órgãos de repressão política, a sua demolição encontrou forte resistência na memória afetiva da cidade, que gerou um movimento pela sua preservação e recuperação como um espaço cultural, tornando o prédio, mais do que um símbolo arquitetônico, um marco de nossas raízes históricas, culturais e políticas.

## Anfiteatro

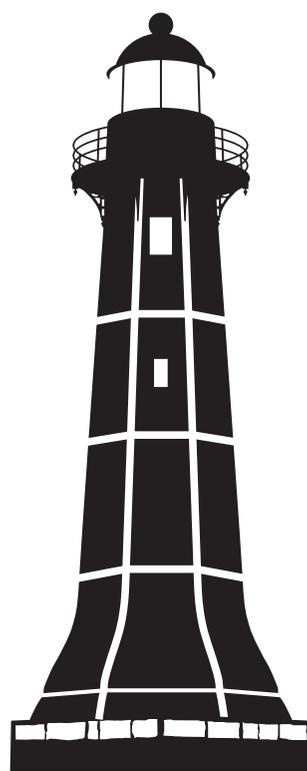


## Farol de Santa Luzia



“ O Farol de Santa Luzia está situado em um terreno rochoso de encosta íngreme na ponta de Santa Luzia, no final da Praia da Costa, em Vila Velha. Inaugurado em 1871 pelo Imperador Dom Pedro II, possui 12 metros de altura, composto de torre octogonal em ferro, com a base alargada, lanterna e galeria. A sua construção foi idealizada por João Maurício Wanderley, barão de Cotejipe, no ano de 1870, na cidade de Glasgow (Escócia), visando orientar as embarcações locais. Com alcance de 32 milhas marítimas, hoje, o farol é iluminado por lâmpadas 300 watts e 4 focos servindo de orientação à navegação direcionada aos portos de Vitória, Vila Velha e Tubarão. ”

## Farol



## Forte São João



“ Localizado na antiga ilha de Santo Antônio, hoje ilha de Vitória, o Forte São João foi construído sobre uma superfície íngreme, rochosa, com uma planta em formato retangular, a fim de proteger os habitantes da capitania do Espírito Santo da invasão da esquadra do navegador inglês Thomas Cavendeish. ”

## Azulejo



## Forte São João

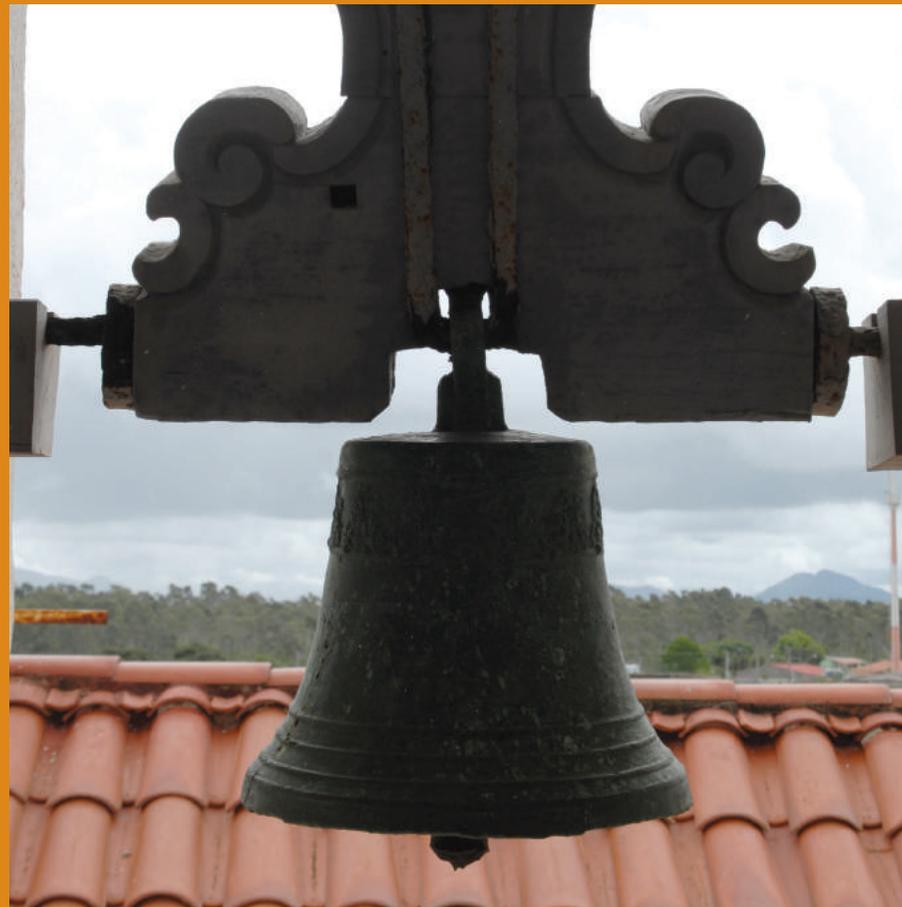


Entre 1674 e 1675, o baiano Francisco Gil de Araújo adquiriu a Capitania do Espírito Santo, por 40 mil cruzados. Durante sua administração, de 1678 a 1682, fez reedificar essa fortificação em ruínas. A partir de 1767, o Forte São João se transformou numa fortificação dotada de peças de artilharia e de enormes paredes de pedras. No decorrer do tempo, o forte passou a abrigar o Clube Saldanha da Gama. De acordo com o Tombo dos Fortes da Ilha Terceira, documento historiográfico, em 1881, possuía uma casa destinada à guarda e um local reservado ao armazenamento de explosivos, com telhado, tarimbos e portas.

## Brasão Real



## Igreja dos Reis Magos



Localizada no distrito de Nova Almeida, no município de Serra e situada a 40m de altitude em relação ao nível do mar, a Igreja tem vista para a foz do rio Nhupêgoa, atualmente chamado de Reis Magos, e para o Oceano Atlântico. O patrimônio foi tombado pelo IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) em 21/09/43 pelo processo n. 230-T, inscrição no livro do Tombo Histórico n. 223, folha 37.

Sino



## Igreja dos Reis Magos



Composta pela Igreja e Residência dos Jesuítas, onde funciona um museu, segue ao conjunto arquitetônico uma praça onde acontecem os Autos populares do Congo, como a exemplo da Festa de Reis, Sábado de Aleluia e os Santos Benedito e Sebastião. Sua construção é datada de 1580, de arquitetura jesuítica, com pisos de madeira e paredes de pedra unidas por argamassa de barro, areia, conchas moídas e óleo de baleia.

Detalhe em relevo na fachada



## Igreja dos Reis Magos



“No altar, um retábulo todo entalhado em madeira de grande beleza e valor histórico, e em seu centro uma pintura a óleo que retrata a adoração dos Reis Magos ao menino Jesus. Esta pintura é considerada a primeira pintura a óleo realizada em solo brasileiro. Possui também cinco pias em mármore português, sendo uma circular e com pé destinado ao batismo.”

## Entalhe do altar



## Igreja Matriz de São Mateus



“Construção do século XIX, foi projetada, a mando dos jesuítas, para ser a maior igreja da cidade. Em 1853, por decisão da Câmara Municipal de São Mateus, a obra foi paralizada. Está localizada na parte alta de São Mateus, na praça Municipal e foi construída a base de argamassa de óleo de baleia e cal. O altar-mor sofreu um incêndio, em 1949, mas foi reconstruído nos moldes do original.”

Detalhe em relevo na fachada



## Igreja Matriz de São Mateus



“ Foi a primeira Catedral da Diocese de São Mateus e sob a torre está localizado o túmulo de Dom José Davit, o primeiro bispo de São Mateus. A cidade recebeu o nome de S.Mateus devido a visita de Padre José de Anchieta no dia 21 de Setembro, dia do Evangelista Mateus. ”

Detalhe em relevo na fachada



## Igreja Nossa Senhora da Conceição de Guarapari



Construída no alto de uma colina em 1585, por Padre José de Anchieta, essa igreja deu origem ao povoamento de Guarapari. Inicialmente foi dedicada a Sant'Ana e a Santa Maria. Passou a homenagear, quase 170 anos depois, Nossa Senhora da Conceição. Quando os padres jesuítas partiram para o aldeamento de Reritiba, mais ao sul, deixando o povoado de Guarapari, o edifício tinha de pé, a Igreja e parte da residência. O quarto da quadra contíguo à fachada do edifício destinado ao culto, apenas os alicerces ao nível do chão ainda existem. Suas paredes são espessas e sólidas alvenarias de "pedra e cal", e o singelo telhado de duas águas, coberto por telhas capa-canal. Em 1878, foi reformada e a fachada ganhou detalhes neobarrocos. A Igreja é um patrimônio cultural tombado em 16/09/1970 pelo IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

## Frontispício da igreja

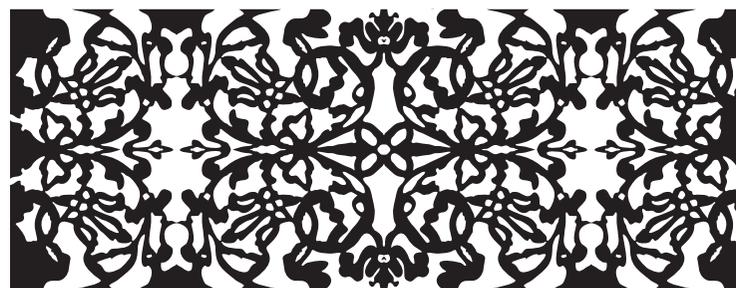


## Palácio Anchieta



Situado na Cidade Alta, em frente ao Porto de Vitória, tem-se acesso pela escadaria Bárbara Lindemberg, na Av. Jerônimo Monteiro, ou pela Rua Pedro Palácios. Utilizado como sede do Governo do Estado do Espírito Santo, desde o século XVIII, é uma das sedes de governo mais antigas do Brasil.

Detalhe em estencil na parede



## Palácio Anchieta

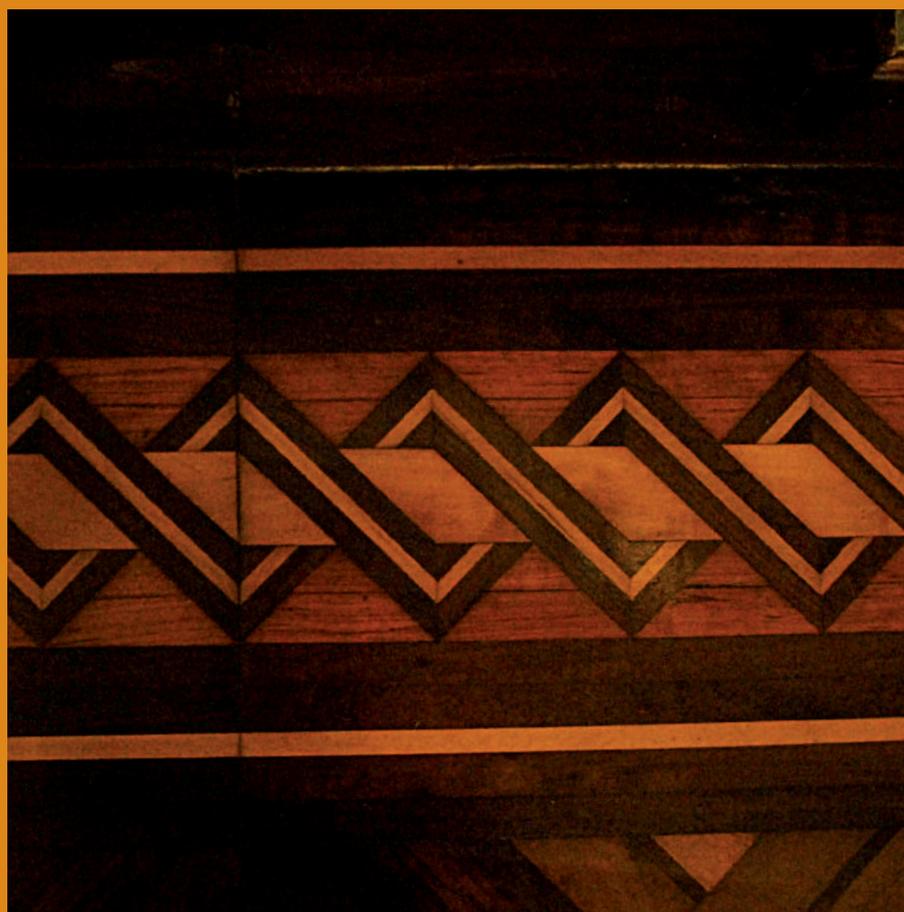


Foi restaurado em sua fachada e na cobertura, além de ter sido feita a instalação de uma iluminação que evidenciou a volumetria e os ornamentos arquitetônicos da fachada através do contraste entre luz e sombra. Em seu sub-solo guarda o túmulo simbólico do padre jesuíta José de Anchieta.

## Detalhe do piso de ladrilho hidráulico

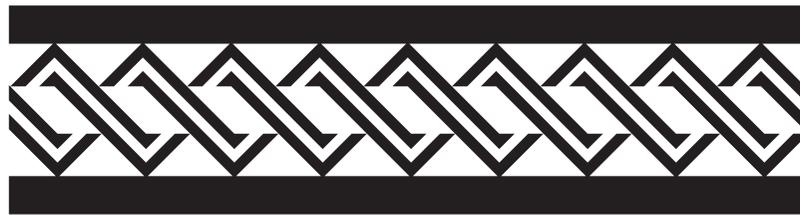


## Palácio Anchieta



“Guarda o registro da história capixaba, num continuado de fatos que se dividem em três fases bem delimitadas: foi construído no século XVI pelos padres jesuítas e até 1760 abrigou o Colégio de São Tiago; mais tarde, Residência de Governadores da Província; e, finalmente, Palácio de Governo.”

## Detalhe do piso de tacos

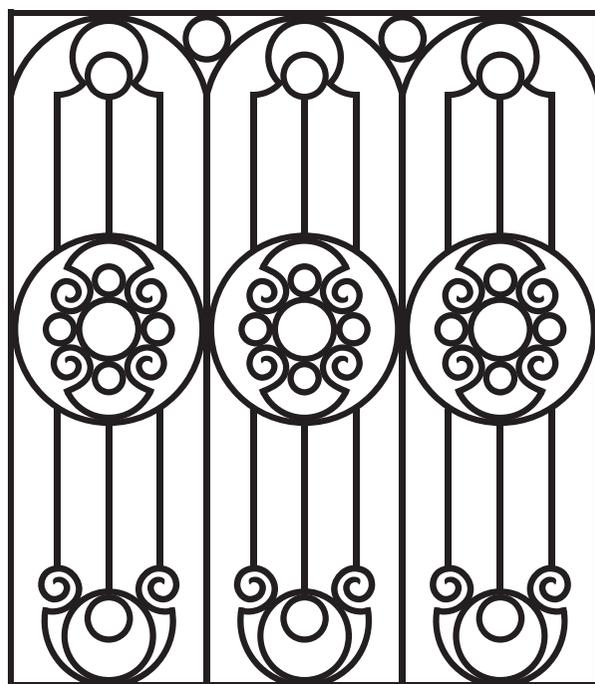


## Parque Moscoso



“ Localizado no centro de Vitória, ocupa uma área de 26.000m<sup>2</sup> formando um quarteirão entre as avenidas República e Cleto Nunes e as ruas 23 de Maio e José de Anchieta . Recebeu o nome em homenagem ao presidente da Província Henrique Moscoso, responsável por iniciar o aterro da região alagadiça onde, posteriormente, uma parte viria ser ocupada pelo parque. Em 1912, com o aterro completo, foi inaugurado o Parque Moscoso, projetado pelo paisagista Paulo Motta. Foi um marco do início da modernização urbana da capital, ocorrida num período de significativo crescimento econômico.”

## Portão



## Parque Moscoso

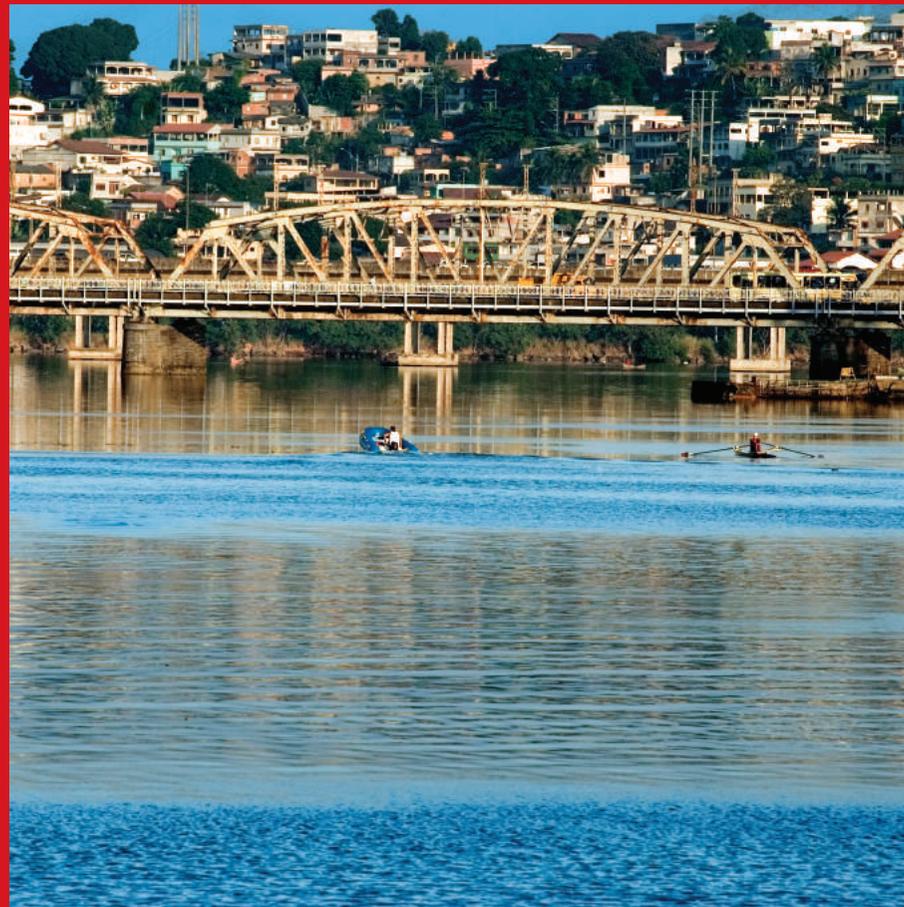


Em 1940, o espaço foi completamente, sendo dotado de um novo sistema de iluminação. Na década de 50, foram inauguradas ali: a Escola Infantil Ernestina Pessoa, onde se usava a música como fonte de aprendizado dos alunos, e uma concha acústica para apresentações culturais. A concha, uma das poucas construções desse tipo no Brasil, é patrimônio tombado pelo Conselho Estadual de Cultura. Na década de 70, o Parque foi murado para protegê-lo dos perigos do tráfego intenso naquela região.

## Concha Acústica

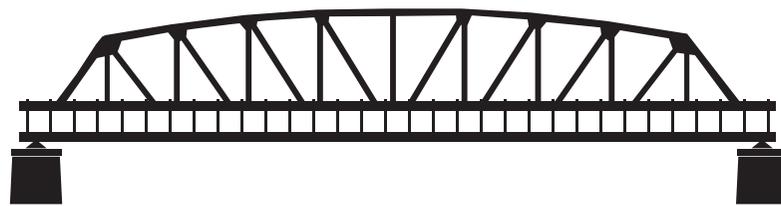


## Ponte Florentino Avidos



“Primeira ponte a ligar Vitória e Vila Velha. Começou a ser construída em 1º de março de 1926, com a presença do então Presidente da República Washington Luís Pereira de Souza, sendo fundada dois anos mais tarde, em 1928, no governo Florentino Avidos. Trata-se de uma ponte rodo-ferroviária, com estrutura mista em aço e concreto, composta de cinco vãos de 70m cada bi-apoiados em seus externos em pilares de pedra argamassada, perfazendo a extensão total de 350m. Sua estrutura foi comprada pronta da Alemanha. Os cinco módulos de estrutura metálica é a razão pela qual também é muito conhecida como Cinco Pontes. No dia 1º de setembro de 1940, o Interventor Punaro Bley manda colocar placa sobre a ponte, em todos os acessos, nomeando-a Ponte Florentino Avidos.”

## Módulo da ponte



## Ponte da Passagem



Vitor Nogueira

“Inaugurada em 29 de agosto de 2009, a Ponte da Passagem possui uma concepção arrojada e moderna, do ponto de vista arquitetônico. Localizada na avenida Fernando Ferrari, este projeto teve como objetivo principal ampliar a mobilidade urbana da Região Metropolitana de Vitória, proporcionando maior fluidez no trânsito, maior conforto e segurança para veículos, ciclistas e pedestres, além de possibilitar o retorno das atividades de navegação no contorno do Canal da Passagem. Trata-se de uma ponte peculiar, com sua estrutura metálica, a oito metros de distância da lâmina d’água, uma torre de aço especial de 55 metros de altura e com um amplo vão livre.”

# Ponte

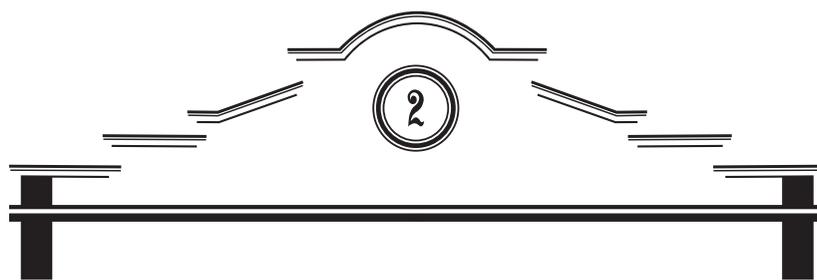


## Porto de Vitória



“ O Espírito Santo possui uma costa privilegiada de águas tranquilas e profundas, aspectos esses que proporcionaram o desenvolvimento portuário. Sua origem vem do crescimento da cultura cafeeira na Província do Espírito Santo, a partir de 1870. Em 28 de março de 1906, o governo federal autorizou à Companhia Porto de Vitória (CPV) a implantação de novas instalações no mesmo local em que é hoje, ficando a cargo da empresa C. H. Walker & Co. Ltd. a execução de 1130 metros de cais. As obras, no entanto, foram interrompidas em 1914. ”

## Numeração dos armazéns



## Porto de Vitória

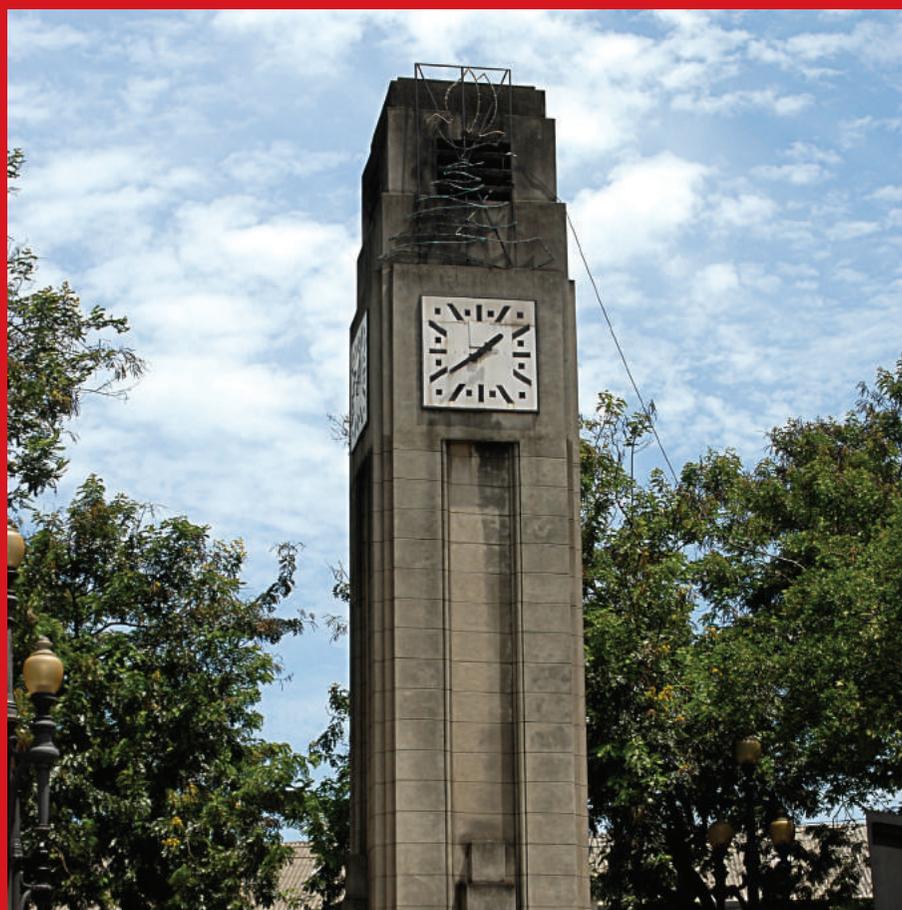


“ A União encampou a concessão dada à CPV e transferiu-a ao governo estadual pelo Decreto n.º 16.739, de 31 de dezembro de 1924, tendo sido a construção do porto retomada no início de 1925. Sua inauguração ocorreu em 03 de novembro de 1940, assinalando o começo do atual complexo portuário. O Complexo Portuário do Espírito Santo é hoje um dos mais importantes do Brasil, e conta com infraestrutura de transporte ferroviário, rodoviário e marítimo. ”

## Identificação dos armazéns

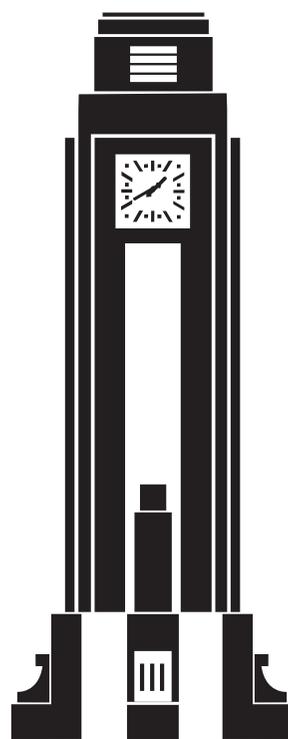


## Relógio da Praça Oito



“ O ponto onde se localiza a Praça Oito já foi conhecido como cais Grande, cais da Alfândega, passando, em 1906, a chamar-se Praça Santos Dumont e, finalmente, a partir de 1911, Praça Oito de Setembro. Em 1935, por ocasião das comemorações dos quatrocentos anos de colonização do Espírito Santo, a praça ganhou um obelisco, removido cinco anos mais tarde. Em seu lugar foi construído o relógio, montado pelo artista alemão Ricardo Schorling. O relógio tocava de hora em hora os acordes iniciais do Hino do Espírito Santo. ”

## Relógio

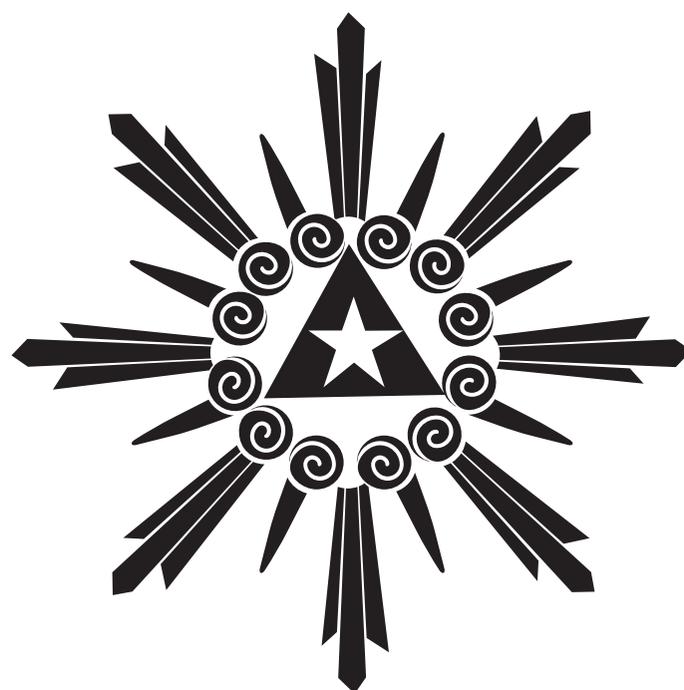


## Santuário Nacional Padre Anchieta



O conjunto arquitetônico do Santuário, situado na Praça da Matriz, no município de Anchieta, é composto da Igreja Nossa Senhora da Assunção (padroeira da cidade), Residência dos Jesuítas e Museu. Um dos principais marcos históricos, arquitetônico e religioso do Espírito Santo, foi edificado no séc. XVI pela Companhia de Jesus. Foram usados na sua construção pedras de recifes, cal de conchas e óleo de baleia. Teve entre seus ilustres moradores o Padre jesuíta José de Anchieta. A Igreja de Nossa Senhora da Assunção é constituída de três naves e um campanário. No local anexo a Igreja, onde ficava o quarto do Padre José de Anchieta, atualmente, encontra-se instalado o Museu Padre Anchieta. Em 1943, o Iphan (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), promoveu seu tombamento pelo processo 229-T-40 inscrição n. 222, Livro do Tombo Histórico Vol.I, folha 37 de 21/09/1943.

## Elemento decorativo do altar

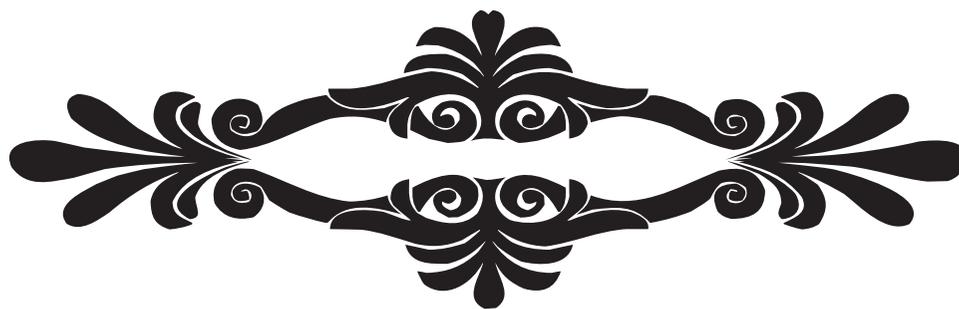


## Solar Miguel Simão



“ A edificação possui estilo eclético com referências à Art Nouveau e demonstra, em sua grandiosidade e presença na paisagem, a importância social do proprietário no contexto urbano e o impulso econômico da região proporcionado pela produção cafeeira no Espírito Santo. É parte integrante de um período de grande prosperidade econômica do estado, cuja base era a produção cafeeira. O Solar é um imóvel tombado como patrimônio histórico e cultural do município de Alegre. ”

## Adorno de estuque

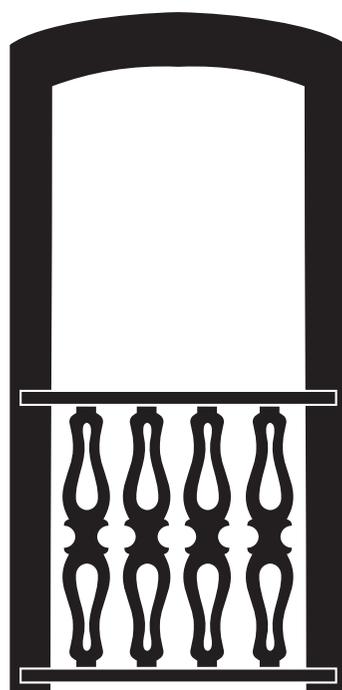


## Solar Monjardim



“ A casa sede da Fazenda Jucutuquara é o único exemplar da arquitetura rural da capital, remanescente do período colonial. Construída no final do século XVIII, passou a ser habitada pelo capitão-mor, Francisco Pinto Homem de Azevedo no início do século XIX. Ficava situada à margem da estrada que ligava a sede da província à vila da Serra, ao norte. A fazenda era um importante ponto de referência para viajantes. Está estrategicamente posicionada, de maneira a permitir um amplo domínio do entorno, o que possibilitava a seu proprietário o controle sobre o engenho e a senzala de seus escravos. Transmitido por herança, no século XX, o imóvel foi residência da família Monjardim, até sua desapropriação em fins da década de 1970. O Solar abriga um Museu com um acervo prioritariamente vinculado à história da moradia rural no estado. Encontra-se, hoje, sob a tutela do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). ”

## Balcão

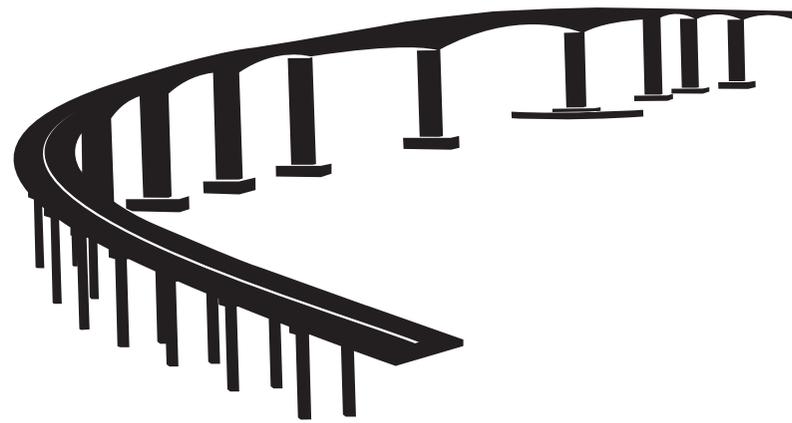


## Terceira Ponte



“A Terceira Ponte tem nome oficial de Ponte Deputado Darcy Castello de Mendonça e liga a cidade de Vitória a Vila Velha. Foi a maior obra já realizada no estado e uma das maiores do Brasil, tornando-se um dos cartões-postais da cidade. O povo apelidou-a de Terceira Ponte logo que foi anunciado o projeto de sua construção, devido às duas pontes já existentes: Ponte Florentino Avidos (conhecida como “Cinco Pontes”) e Ponte do Príncipe (Segunda Ponte). Possui 3,33 km de extensão, um vão principal com 70m de altura e 200m de um pilar ao outro, permitindo assim o acesso de navios de grande porte à baía de Vitória. É a principal ligação de Vitória com Vila Velha e o litoral sul do Espírito Santo. O primeiro pilar da Terceira Ponte foi concretado em 1978, tendo sido concluída em 1989. Hoje, a ponte é considerada um marco turístico do Espírito Santo.”

# Ponte

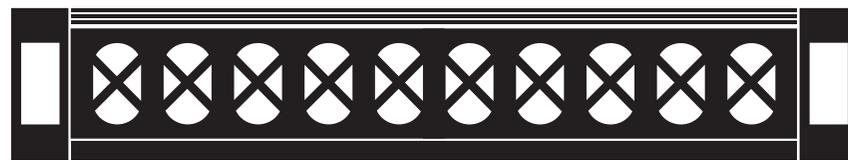


## Viaduto do Caramuru



“O viaduto Caramuru é de uma época em que Vitória tinha os bondes como meio de transporte. Construído em 1929, sofreu sua primeira reforma somente em 1992. O Viaduto, na Cidade Alta, passou por uma ampla restauração em 2001, sendo preservadas as características arquitetônicas originais, como, por exemplo, os trilhos da linha férrea. O piso superior foi retirado, sendo colocado um de concreto. Os adornos substituídos e, na pintura, utilizadas as cores originais do patrimônio arquitetônico: branco para os ornamentos, cor pálida para o guarda-corpo e pintura cromo para os pilares.”

## Decoração do guarda corpo







Cultura

## Artesanato de conchas



Praticado com maior intensidade na região sul, este artesanato está alicerçado na abundância de conchas e búzios que existem em habitat natural produzidos por um litoral de cerca de 400 km de extensão do Espírito Santo. Seu ofício é visto marcadamente nas comunidades de pescadores e ocupa, nas cidades em que ocorrem, milhares de pessoas, gerando emprego e renda que se incrementam nos meses de verão e férias em nossas praias. Contudo, sua produção e comércio já não são mais sazonais, tendo consolidado um mercado de consumo que se estende por quase todo o território nacional e América Latina. A variedade de peças e objetos, decorativos e utilitários expressa em suas composições e concepções artísticas um traço de nossa identidade cultural, que mesmo a modernização do processo de produção e o acréscimo de novos elementos não conseguem ocultar sua tradição local.

## Artesanato de conchas



## Boi Pintadinho



Reminiscência de nossas raízes africanas e europeias, o boi é festejado em várias brincadeiras por todo o Brasil. No Espírito Santo ele é o astro principal que desfila acompanhado de outros personagens, precedidos por uma bateria de escola de samba que fecha o cortejo. Ao som frenético do ritmo de carnaval, o boi vai investindo em cima das pessoas, que o assistem passear pelas ruas, só controlado pela Ama, pelo Dono, ou outro personagem que o domine. Abrigados em pequenas comunidades rurais, são centenas de pessoas que compõem a brincadeira, notadamente feita por jovens que se dividem no toque dos instrumentos, na representação dos personagens e na manipulação dos bois que atingem, por vezes, 2 metros de altura. Contados às dezenas nas cidades da região sul do Estado, os bois fazem da festa do nosso carnaval uma brincadeira familiar, uma confraternização comunitária, envolvendo a todos no clima da correria das crianças, e do vozeio dos adultos a provocar o boi.

## Máscara de boi

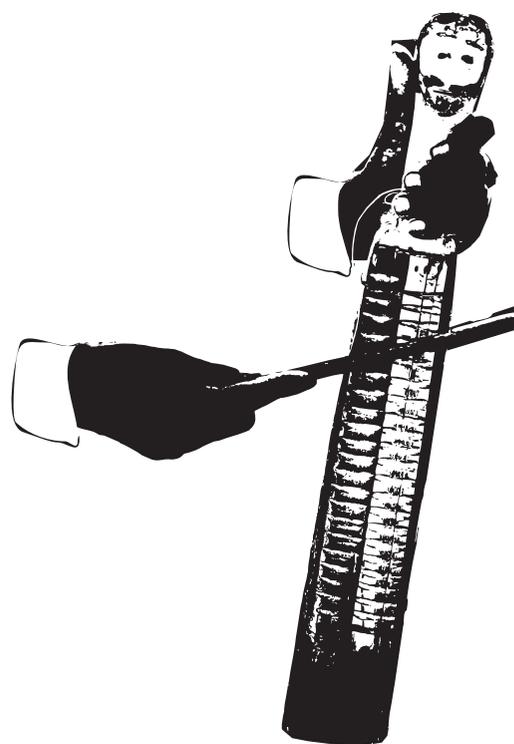


## Congo



“A casaca, cassaca ou cassaco é um tipo de reco-reco que tem em uma de suas extremidades, na qual o tocador segura com a mão, uma cabeça esculpida. Comum a todas as bandas de congo e a quase todos os grupos de jongo, a casaca tem vários registros históricos, de pesquisadores, de padres, de biólogos, de políticos, desde o século XIX, como o de D. Pedro II que a desenhou. Embora encontrada em quase todo o Brasil, só no Espírito Santo há registro profuso de sua existência antropomórfica, com uma cabeça esculpida. Feita geralmente de madeiras leves e moldáveis e de uma tira de taquara rachada, muitas casacas são ainda pintadas, além de receberem outros adereços como cabelos, revelando inúmeras formas criativas de se dar a referência humana ao instrumento. Seu toque rascante e determinado pode ser ouvido de maneira tanto subliminar acompanhando os tambores e a cantoria numa roda de jongo, como pode ser ouvido a dezenas, num diálogo sonoro com os instrumentos das bandas de congos, marcando o compasso e o ritmo do canto e da dança.”

## Casaca



## Congo



Conhecidos como congos, os tambores são o instrumento básico de nossas mais características tradições folclóricas: as bandas de congo, que louvam a São Benedito e fazem a tradicional festa da fincada do mastro. Tocados com as mãos diretamente ao couro com o uso de baquetas, são uma evidente tradição africana e indígena em nossos folguedos. Feitos, antigamente, de troncos ocos de árvores da Mata Atlântica, havia de vários tamanhos, sendo muito comuns também em nossos grupos de jongo e caxambu, nos quais recebem este nome. Com a destruição de nossas florestas e o rareamento da matéria prima, os tambores foram substituídos pelas barricas em forma de tonéis para transporte de material e líquido usados até meados do século XX pela marinha mercante. Hoje, buscando manter a sua tradição principalmente rítmica e sonora, não podendo para as bandas de congo ser substituídos por tambores de outras manifestações, os congos são objeto de profuso e crescente artesanato, que os produz à feição original, tornando este um ícone musical, artesanal e cultural do Espírito Santo.

# Tambor



## Folia de Reis



“Esses grupos laudatórios que vão pelas comunidades celebrando a história de um santo de devoção têm em nós, como em todo o Brasil, a inequívoca origem ibérica, aqui se destacando pelo grande número em favor dos Santos Reis. Rememorando a história dos Três Reis Magos e do nascimento do Menino Jesus, a Folia de Reis tem como característica em quase todo o sul do estado e região de montanhas, o palhaço, que ao final da cantoria e louvação, faz a parte profana e risonha da brincadeira. Vistosos, trajam roupas folgadas, espalhafatosas e coloridas, de chitão estampado e usam uma máscara, geralmente com chifres e peles. Na andança pelas ruas, vão atrás dos foliões que com farda, em camisa de mangas curtas com divisas ao ombro, quepes na cabeça, vão, numa referência ao uniforme militar, escoltando os três reis. No início da noite, tocando caixas de guerra, bumbos, pandeiros, chocalhos, sanfonas e violas, percorrem inúmeras casas, no trajeto dos reis magos em busca do menino Jesus, até o raiar do dia. Em fins de semana, seguidos pelos meses natalinos, estas pessoas celebram e divertem a si e às suas comunidades vivendo uma tradição que há centenas de anos se perpetua em solo capixaba.”

## Máscara



## Garoto



“ No ano de 1929 nascia em um galpão da prainha de Vila Velha uma pequena fábrica de balas. Elas eram vendidas por garotos em tabuleiros de madeira nos pontos de bonde de Vila Velha. Através desses pequenos vendedores surgiu a idéia para o nome e a marca. De balas para chocolate, a empresa tornou-se a maior fabricante de chocolates do hemisfério sul. Hoje a marca Garoto é sinônimo de presente com cara do Espírito Santo. ”

## Símbolo



\* Marca registrada de titularidade de Chocolates Garoto S/A. Vedada a sua reprodução total ou parcial.

## Moqueca capixaba

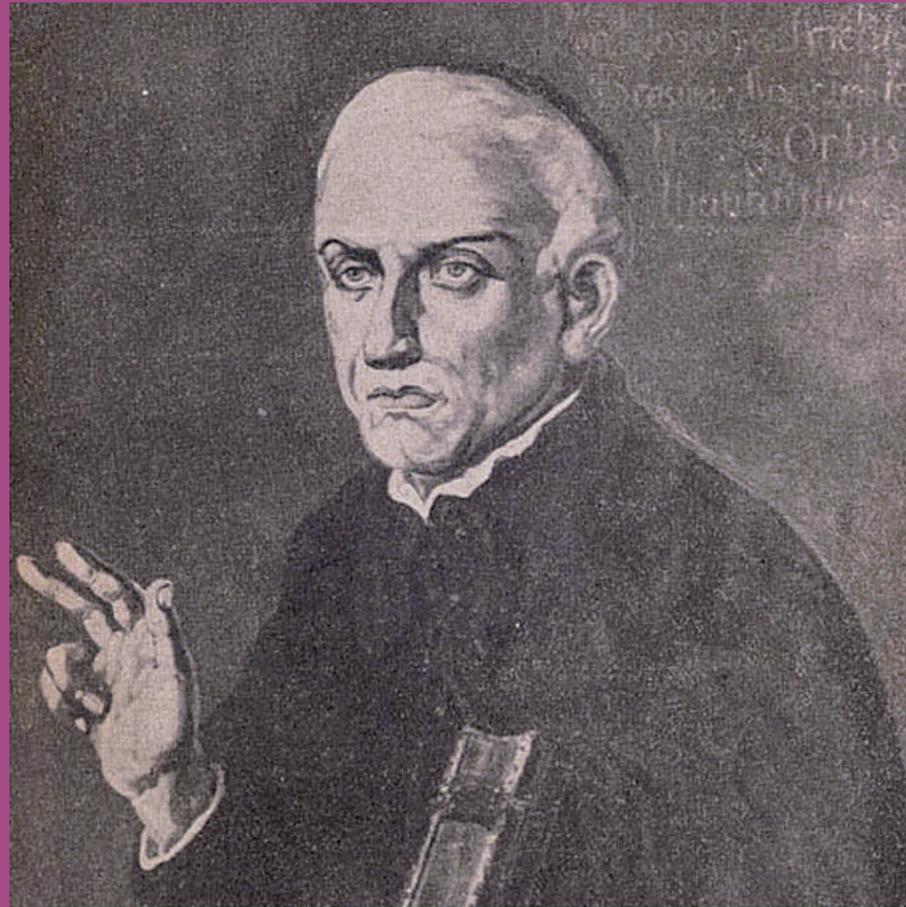


“ A moqueca capixaba é preparada nas tradicionais panelas de barro, tem como base postas de peixe e temperos como tomate, cebola, alho, coentro, azeite, limão e tintura de urucum, que confere a cor alaranjada característica deste prato regional do Espírito Santo. Como acompanhamento são servidos os tradicionais pirão de farinha de mandioca e o arroz branco. A panela vai ao fogo com azeite, alho socado e cebola picada. Prepara-se uma cama de tomate, cebolinha, mais cebola, alguns ramos de coentro, onde se deitam as postas de peixe e sobre elas sal à gosto, além do caldo de limão, azeite e urucum. O segredo da permanência da cor alaranjada é refogar à parte um pouco de azeite com as sementes do urucum para que estas soltem sua coloração sem evaporar totalmente. Então repetem-se mais 2 ou 3 camadas dos mesmos ingredientes acima. Tapa-se a panela e cozinha-se em fogo baixo com o cuidado para não deixar secar e agarrar no fundo. Esta é uma receita consumida em todo o Brasil, mas é um prato típico capixaba encontrado em inúmeros restaurantes do Espírito Santo. ”

# Moqueca



## Padre Anchieta



“ O espanhol Joseph de Anchieta, nascido nas Ilhas Canárias em 1534, foi enviado ao Brasil com apenas 19 anos para uma missão evangelizadora. Estudou e escreveu a primeira gramática Tupi-Guarani, a língua mais falada na costa brasileira, cartas, sermões, poesias e peças de teatro, tendo sido considerado o patrono das artes cênicas nacionais, pois utilizava recursos teatrais para facilitar a evangelização. Foi fundador de diversas cidades no país, como Niterói e São Paulo, e Guarapari, São Mateus e a pequena Reritiba, hoje Anchieta, no Espírito Santo, a qual escolheu como morada nos últimos anos de sua vida. Fundou também as Casas de Misericórdia do Rio de Janeiro e de Vila Velha. Em 1563 José de Anchieta escreveu o famoso “Poema da Virgem”, com 5.737 versos nas areias da praia de Iperoig, hoje Ubatuba. Ganhou vários títulos, entre eles o de “Apóstolo do Brasil”. Faleceu no Espírito Santo em 1597, com 63 anos. Foi beatificado em 1980 pelo Papa João Paulo II. ”

## Padre Anchieta

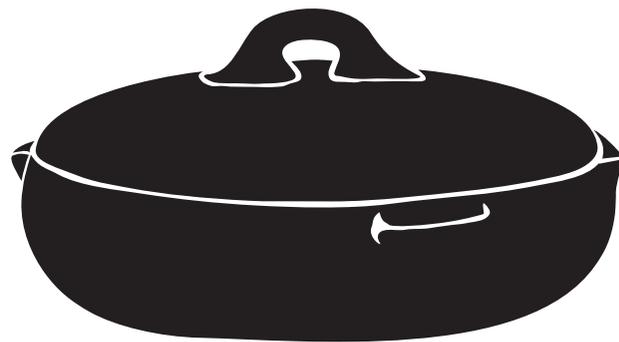


## Panela de barro



“ A panela de barro tem sua origem, nas tribos indígenas que habitaram o litoral do Estado. Até os dias de hoje, sua técnica de confecção e estrutura social das artesãs pouco mudou, o que faz deste ofício uma arte que vem sendo passada de geração para geração. O trabalho de construção das panelas é de cunho familiar, feito no quintal das casas das paneleiras, localizado na região de Goiabeiras, ao norte da Ilha de Vitória. A técnica de modelagem é manual, sem torno, com queima a céu aberto, e pigmentação a base de tinta de tanino, extraído do manguezal. A panela de barro é suporte indispensável para o preparo da moqueca e da torta capixabas, pratos típicos da culinária local. A fabricação artesanal da panela de barro de goiabeiras foi o primeiro ofício a ser registrado como bem cultural no Livro de Registro dos Saberes do IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) em 20/12/2002, recebendo o título de Patrimônio Cultural do Brasil. ”

## Panela



## Teatro Carlos Gomes

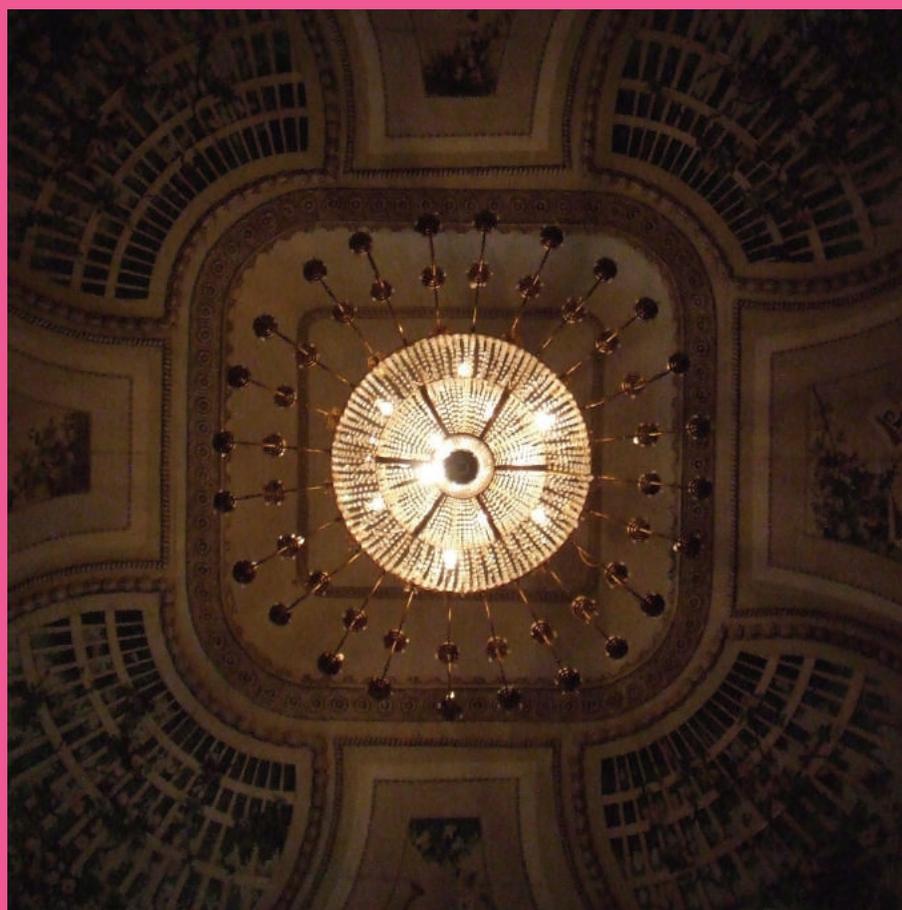


“ O Teatro Carlos Gomes, o mais antigo do Espírito Santo, abriu suas cortinas pela primeira vez em 1927. Localizado no Centro de Vitória, sua inauguração vinha preencher a lacuna deixada pelo Teatro Melpômene, demolido após um incêndio. Projetado pelo arquiteto italiano André Carloni, sua arquitetura de estilo neorrenascentista foi inspirada no Teatro Alla Scala, de Milão. ”

## Brasão

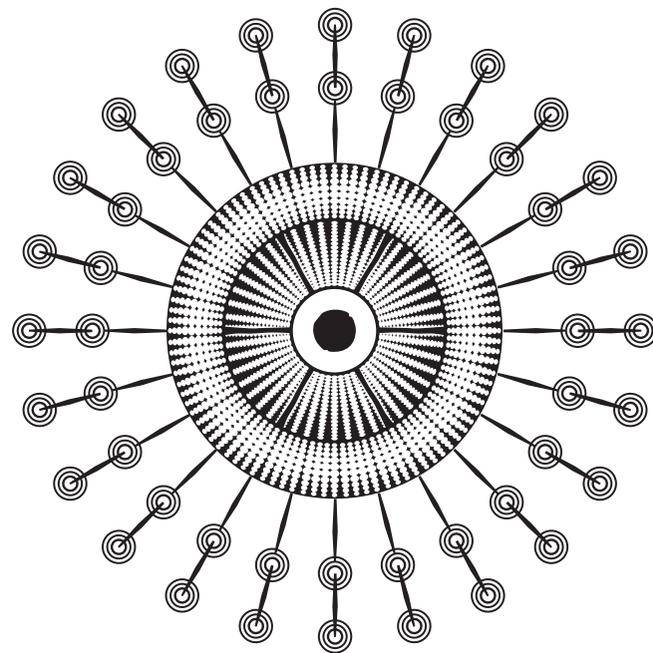


## Teatro Carlos Gomes



Exemplo de prédio de estilo eclético, baseado no modelo “teatro em ferradura”, caracterizado por uma série de galerias superpostas em torno de uma plateia. Homero Massena (1885 - 1974), pintor mineiro radicado no Espírito Santo, inspirou-se nos grandes nomes da música (Carlos Gomes, Wagner, Bach e Verdi), em instrumentos e notas musicais para realizar a pintura no teto da plateia, que merece um destaque especial.

# Lustre



## Ticumbi



“O Baile de Congos de São Benedito, o Ticumbi, é um folguedo praticado no norte do Espírito Santo, há centenas de anos, constituindo-se uma das mais vigorosas expressões da cultura africana em nossa identidade. Rememorando fatos históricos dos poderosos reinos africanos, o seu bailado e cantoria revelam as escaramuças envolvendo os Reis de Congo e de Bamba que se digladiam para ver a quem cabe o direito de fazer a festa de louvação a São Benedito. Praticado hoje por quatro grupos, sua celebração e ritos ocupam têm seu ponto alto num período de três dias, entre o Ano Novo e Fevereiro, a depender do grupo, envolvendo milhares de pessoas entre os que vestem os personagens, os que auxiliam a sua realização e a comunidade de devotos que o acompanha.”

## Chapéu



## Tocador de concertina



Os primeiros imigrantes italianos e alemães chegaram tocando concertina em família, influenciados pelo folclore de sua pátria e pela saudade dos amigos e parentes que lá ficaram. Alguns iniciaram o gosto pelo instrumento já na infância e o fato curioso é que de tão pequenos, muitas pessoas perguntavam quem estava tocando, uma vez que ficavam escondidos pelo instrumento. Atualmente, esses músicos são requisitados para alegrar as festas típicas dos municípios do Estado e nos tradicionais encontros de descendentes que cantam e relembram suas origens através das letras das músicas e acordes da concertina.

## Tocador de concertina

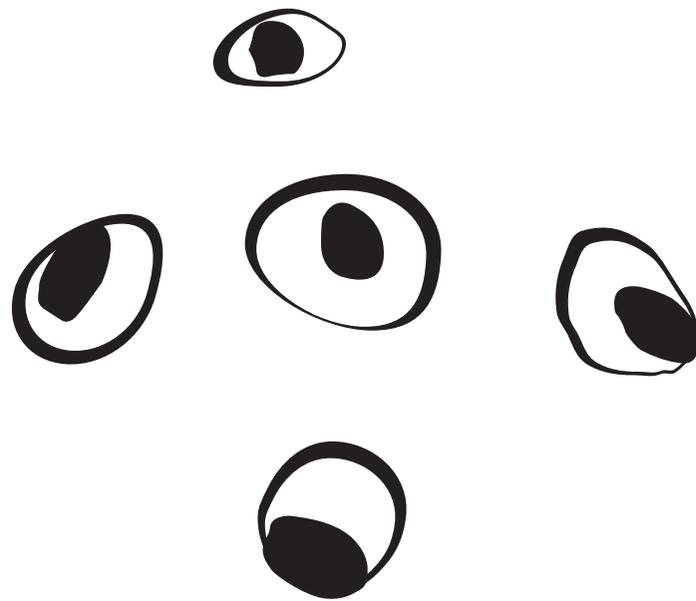


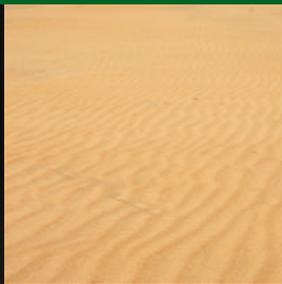
## Torta capixaba



“A torta capixaba, feita com mariscos, peixe, ovos e palmito, é prato principal da culinária capixaba na Páscoa e, tradicionalmente, servida na Sexta-feira Santa. Sua origem vem das famílias de pescadores que, por ser caro o tradicional prato de bacalhau português, preparavam a torta com o cozimento de diversos ingredientes alternativos. Como a moqueca é feita em um utensílio de barro: a frigideira, que se difere da panela de barro, por ser mais rasa e de boca larga. É preciso, porém, antes de utilizá-la, fazer a cura. Cura é o processo feito, quando o utensílio ainda é novo, sem uso: unta-se com óleo, leva-se ao fogo, para o óleo queimar, em seguida coloca-se para esfriar e lava-se com bastante água. E assim está pronta para o uso. O preparo da torta capixaba é feito com a moqueca (sem caldo), mariscos, peixe desfiado, fresco e seco, juntamente com palmito, ovos batidos e rodelas de cebola, para finalizar. Tudo levado ao forno para assar.”

## Torta capixaba

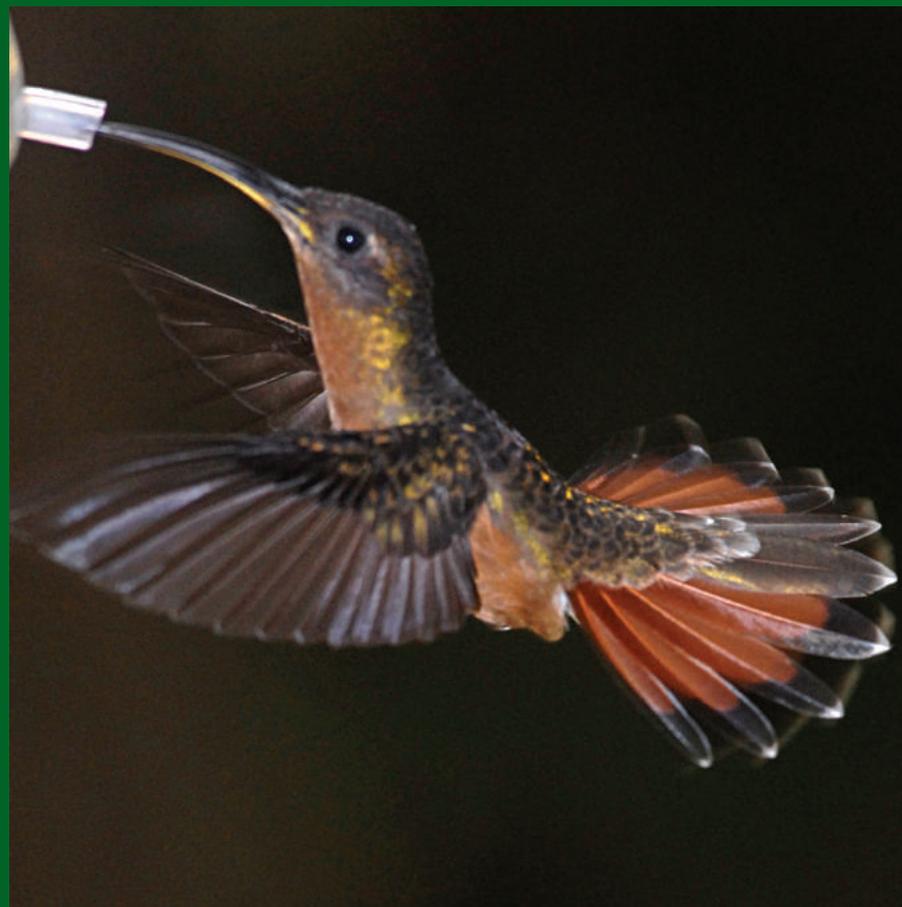






# Patrimônio Natural

## Beija-flor

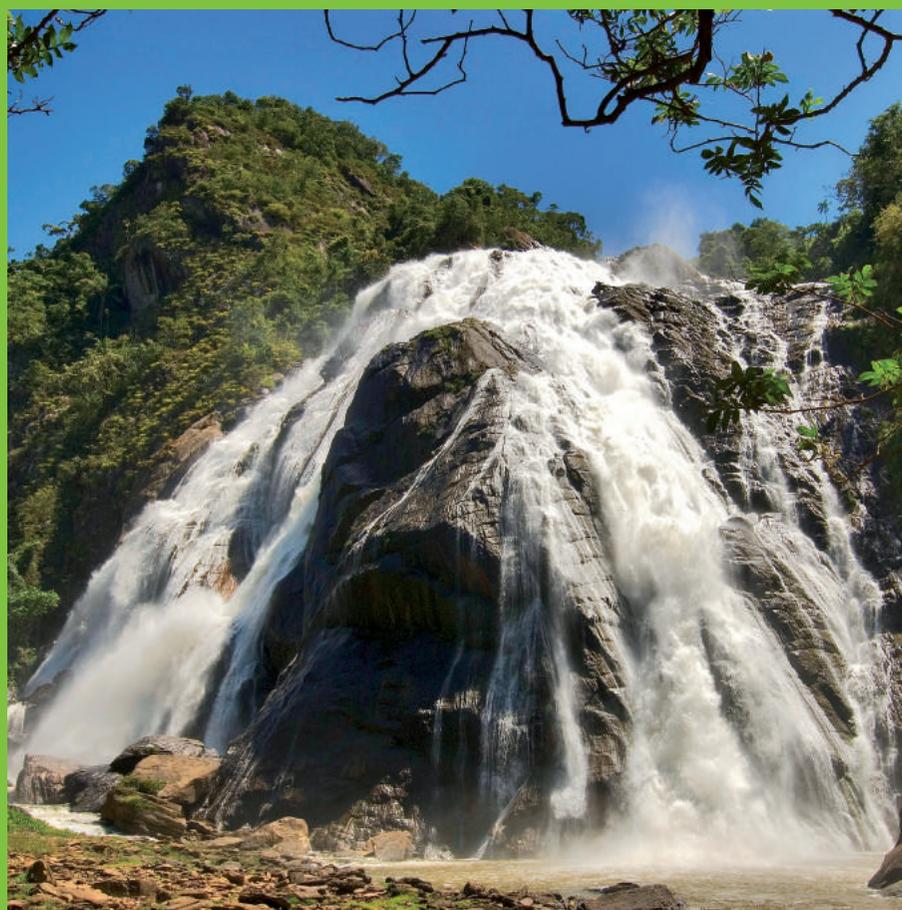


Os colibris ou beija-flores são pequenas aves diurnas, que ocorrem somente nas Américas. O nosso país detém cerca de 80 espécies, com a região sudeste destacando-se por seu grande número. No Espírito Santo, ocorrem mais de 35 espécies, várias delas raras e de ocorrência restrita a algumas áreas. Os beija-flores vivem nas matas, nos cerrados, nos campos naturais e em outros tipos de vegetação, e algumas espécies se adaptaram à presença humana, habitando jardins de quintais e praças públicas. Alimentam-se principalmente do néctar das flores, mas também comem pequenos insetos para se abastecerem de proteínas. A ligação entre beija-flores e capixabas passa pela história de Augusto Ruschi, pois seus estudos com essas pequenas aves projetaram-no internacionalmente juntamente com a cidade de Santa Teresa. O beija-flor é considerado, oficialmente, pássaro símbolo do estado do Espírito Santo.

## Beija-flor



## Cachoeira da Fumaça



Está localizada no município de Alegre, na divisa com Ibitirama, no sul do Estado. Faz parte do rio Braço Norte Direito, afluente do rio Itapemirim, responsável pelo abastecimento de várias cidades. A cachoeira, com 140 metros de queda, recebeu esse nome devido à neblina que sobe com a queda d'água. Sua beleza atrai turistas durante todo o ano e tornou-se um dos símbolos da natureza do Estado. Foi criada, em 1984, uma Reserva Florestal, passando a ser o Parque Estadual da Cachoeira da Fumaça em 1990. Foi necessário desapropriar uma área de 27 ha, quase toda coberta de pastagem, para atender a demanda dos milhares de visitantes que querem apreciar a cachoeira. Parte da pastagem foi arborizada com plantas nativas e frutíferas. Possui infraestrutura de atendimento, e as visitas são agendadas com 72h de antecedência, com limite de 610 pessoas por dia.

## Cachoeira da Fumaça

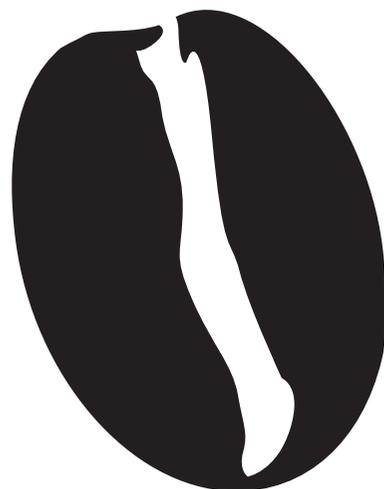


## Café

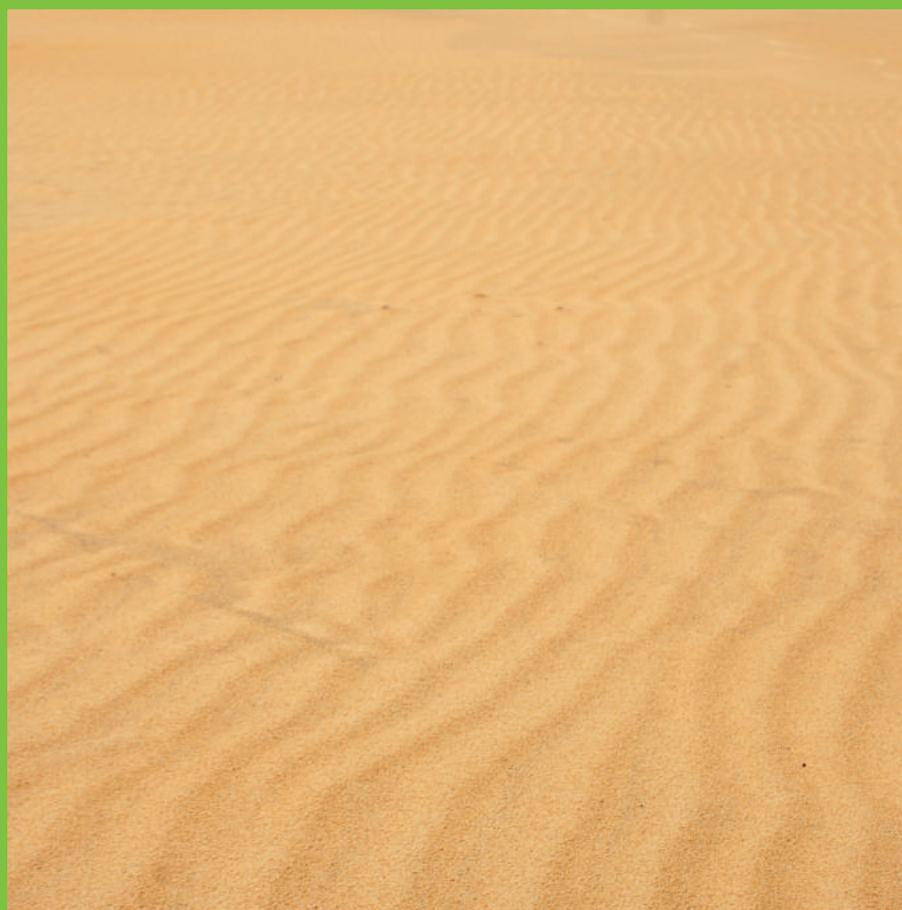


O cultivo dos cafezais no Espírito Santo iniciou-se sob influência do Rio de Janeiro na metade do século XIX. O café chegou a terras capixabas pelo sul e com o decorrer dos anos a cafeicultura foi se consolidando como atividade econômica para todo o estado. A expansão da cafeicultura foi rápida, pois em 1850 já era notável a importância da cultura no setor econômico capixaba. A cultura do café repetiu, no Espírito Santo, o que induzira em outras regiões por onde passou: geração de excedentes econômicos que possibilitavam investimentos em outros setores da economia como construção de ferrovias, estradas, crescimento das atividades no Porto de Vitória, bem como a fixação de numerosos núcleos de imigrantes estrangeiros e nacionais. O Espírito Santo é o maior produtor brasileiro de conilon, com 70% da produção nacional do Robusta. O maior produtor brasileiro de café é o município de Jaguaré, localizado no Norte capixaba. No Estado, as lavouras de café estão em todos os municípios, ocupando cerca de 15% da área territorial. Aproximadamente um terço de toda a renda gerada pela agricultura, no estado, vem do café.

## Grão de café



## Dunas de Itaúnas



Encontram-se no litoral norte do Estado do Espírito Santo, no Município de Conceição da Barra. Trata-se de uma formação arenosa litorânea denominada restinga, com afloramentos rochosos escuros, de onde vem o nome Itaúnas (ita - pedra ou rocha e una - negra). Nessa região é predominante o vento nordeste e a vegetação de dunas e de restinga como vegetação original. Há vestígios de civilizações nativas, que viviam próximo ao litoral, segundo relatos antropológicos. Posteriormente passou a ser habitada por pescadores, formando a antiga vila de Itaúnas. Esses moradores desmataram a região para a ocupação, e, dessa forma, tiraram a proteção contra a erosão, ocasionando o deslocamento arenoso em direção à antiga Vila, aterrando-a. Os moradores, então, mudaram-se para a área após o rio, onde se encontra a atual Vila de Itaúnas. Neste local acontece anualmente a tradicional Festa do Encontro de Ticumbi.

## Desenho da ação do vento na areia



## Frade e a Freira



São formações rochosas graníticas, de 683 metros de altura, localizadas nos municípios de Itapemirim, Cachoeiro de Itapemirim, Rio Novo do Sul e Vargem Alta. Trata-se de duas montanhas geminadas que lembram a figura de duas pessoas frente a frente, como se estivessem se olhando ou conversando. A lenda diz que um frade e uma freira que trabalhavam juntos na cristianização dos índios da região se apaixonaram. Como não podiam viver esse amor, por dedicarem suas vidas à religião, foram transformados em montanhas para permanecerem unidas e se admirarem eternamente. O monumento natural “O Frade e a Freira” encanta os viajantes que passam pela BR 101 no trecho entre Vitória e Rio de Janeiro. Em 1860 Dom Pedro II visitando o Estado, fez um registro visual em seu caderno de viagem, desenhando seu contorno. Recentemente, passou a Marco Representativo do Estado do Espírito Santo, um reconhecimento à beleza e ao valor turístico do monumento.

## Frade e a Freira

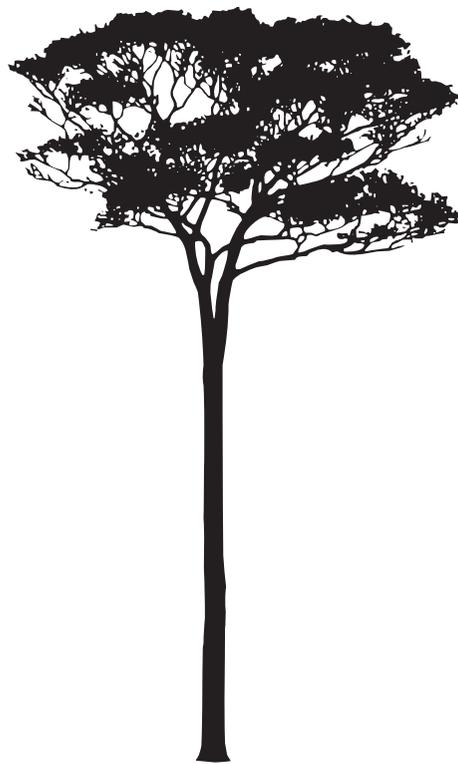


## Jequitibá rosa



“*Cariniana legalis* (Mart.) Kuntze - Árvore típica da Mata Atlântica, o jequitibá-rosa é um dos representantes da mesma família lecitidácea, que possui outros conhecidos representantes, como o jequitibá-branco, a sapucaia e a imbirema, e apresenta um fruto seco típico, em formato de “cachimbo”. O jequitibá-rosa ocorre ao longo de todo o estado do Espírito Santo, nas formações da Mata Atlântica de Encosta e Mata de Tabuleiro e diferencia-se das demais árvores dessas florestas pela sua copa característica e porte elevado. É uma das maiores árvores da flora brasileira, podendo atingir 50 metros de altura e tronco com diâmetro superior a sete metros. Um representante clássico dessa espécie pode ser observado às margens da BR 101 Norte, entre os municípios de Linhares e Sooretama. Sua importância para os capixabas se comprova quando foi escolhida árvore símbolo do Espírito Santo Lei Estadual Nº 6.146, de 9/2/2000), havendo ainda, o Dia Estadual do Jequitibá rosa, comemorado anualmente em 21 de setembro, Dia da árvore, e dentro do seu período de frutificação.”

## Jequitibá rosa

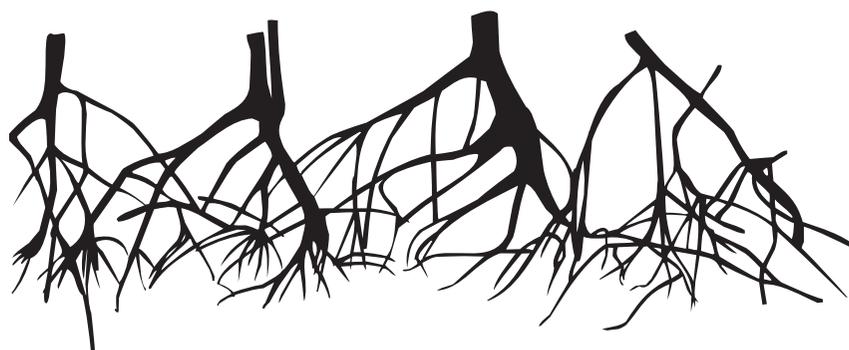


## Manguezal



O mangue é a árvore típica do manguezal. Sua característica marcante é a presença de rizóforos, que auxiliam na sustentação da planta no sedimento lodoso e conferem a ela um aspecto de candelabro invertido. Nesses rizóforos existem estruturas anatômicas chamadas de lenticelas, cuja função é a troca gasosa. Outra característica dessa espécie é o fato de a semente começar a germinar ainda presa à planta-mãe (viviparidade), formando um pendão, o propágulo, que pode flutuar por até um ano antes de fixar-se e desenvolver-se. A casca da árvore possui, internamente, uma coloração vermelha e é rica em tanino, substância utilizada antigamente em curtume, tingimentos e, até hoje, como medicamento e na impermeabilização da famosa panela-de-barro capixaba.

## Raízes do mangue

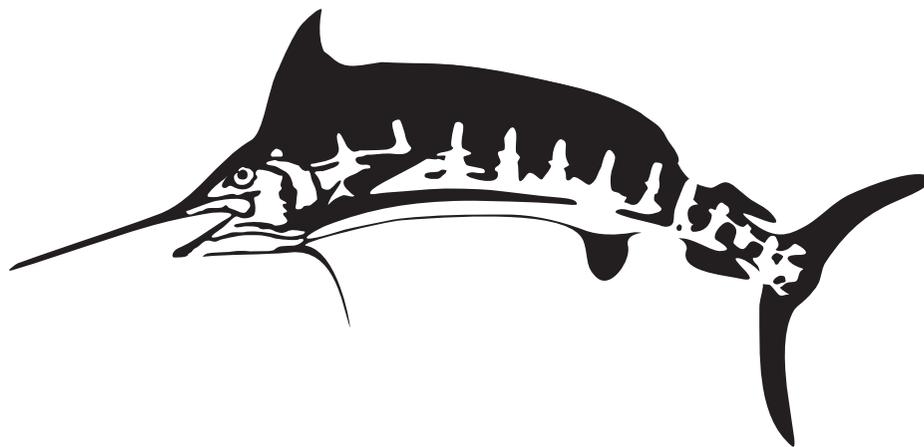


## Marlim Azul



(*Makaira nigricans* Lacépède, 1802) - O Marlim azul é um peixe teleósteo, oceânico, ocorrente em águas tropicais e subtropicais do Atlântico e do Pacífico, que chega a medir até 4 metros de comprimento e pesar mais de 600 kg. Possui dorso preto-azulado e ventre branco-prateado, com a primeira nadadeira dorsal preta ou azul-escura e as restantes marrom-escuras a azul-escuras. É uma espécie migradora que alcança a costa brasileira no final da primavera e começo do verão (Novembro a Março), quando as águas limpas, azuis e quentes se aproximam da costa. É o peixe mais cobiçado da pesca oceânica. Veloz, briguento e com seu bico assustador, o Marlim Azul virou símbolo de tudo que o mar tem de desafio, mistérios e aventura. Neste aspecto o estado do Espírito Santo destaca-se no cenário mundial por apresentar uma das melhores costas para essa prática, com seguidos recordes obtidos durante os vários torneiros de pesca oceânica, incluindo o maior Marlim do mundo (4,62 m de comprimento, 2,48 m diâmetro e 636 kg), capturado entre Vitória e Guarapari, em fevereiro de 1992.

## Marlim Azul



## Mestre Álvaro



Localizado no município de Serra, na região metropolitana da Grande Vitória, o Mestre Álvaro é um maciço granítico que orienta a navegação devido à sua altura e a proximidade da costa, por isso existe uma versão de seu nome como “Mestre Alvo”. Possui aproximadamente 833 metros de altitude, sendo considerado um dos pontos mais altos do litoral brasileiro, possuindo uma das últimas áreas de Mata Atlântica de altitude do Estado. Do seu topo, pode-se avistar o Oceano Atlântico e os municípios de Vitória, Serra, Cariacica, Santa Leopoldina e Domingos Martins. É conhecido na região como um bom termômetro do tempo, pois quando está “de chapéu”, ou seja, quando seu topo fica coberto por nuvens diz-se que é chuva na certa, por isso orienta os pescadores que se destinam ao alto mar. O Mestre Alvaro chamou a atenção de D.Pedro II quando de sua viagem pelo Espírito Santo, em 1860, fazendo com que deixasse registrado seu contorno em seu caderno de desenho. Em 1977 foi criado o Parque Florestal e a Reserva Ecológica Mestre Álvaro, que abrange uma área de aproximadamente 3.470 hectares.

## Mestre Álvaro

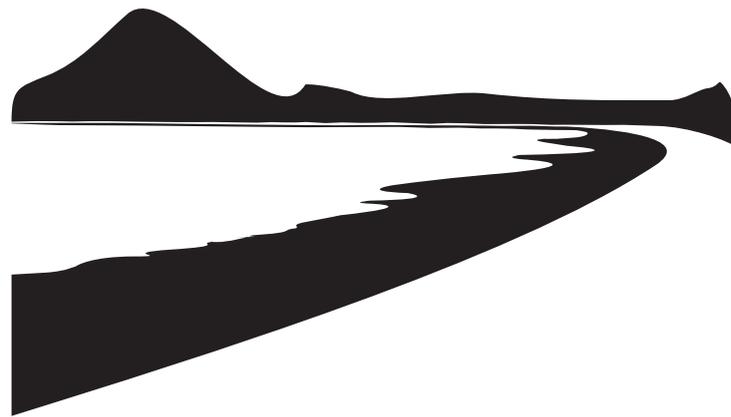


## Monte Aghá



Pertence ao município de Itapemirim, mas sua beleza é avistada do município de Piúma. É um maciço de granito de 300m de altitude com formato de pirâmide. Alguns dizem que seu nome foi escolhido por um navegante árabe e significa “Senhor dos Montes”, sendo também conhecido como “Guia dos Navegantes”, já que servia de referência à navegação, podendo ser avistado à longa distância. Outros afirmam que significa “Monte de ver Deus”, em tupi-guarani. A paisagem do topo é muito bonita, pode-se avistar um belo pôr-do-sol e também todo o contorno da praia Aghá. O cume pode ser alcançado por uma bela trilha ou por uma escalada de nível fácil. É um pico de destaque do litoral sul do Estado, sendo símbolo de Piúma. É também uma área de preservação ambiental que possui uma rica fauna, tendo como destaque as orquídeas.

## Monte Agá



## Museu Mello Leitão



Fundado em 1949 pelo naturalista Augusto Ruschi, é uma das principais instituições ligadas ao patrimônio natural do país. O Parque do Museu de Biologia Professor Mello Leitão, localizado na cidade de Santa Teresa, tem 77.000m<sup>2</sup>, a maior parte arborizada com plantas nativas. Muitas espécies foram plantadas com o objetivo de atrair aves. Em meio à área verde, encontram-se viveiros e edificações que dão apoio às atividades administrativas, de pesquisa e de visitação do Museu. A casa da atual administração, foi residência de Augusto Ruschi durante 49 anos. Um dos principais objetivos do Museu é colecionar espécies de plantas e animais com fins científicos, desenvolver a pesquisa biológica, especialmente da flora e fauna da Mata Atlântica e promover a educação ambiental.

## Gradil



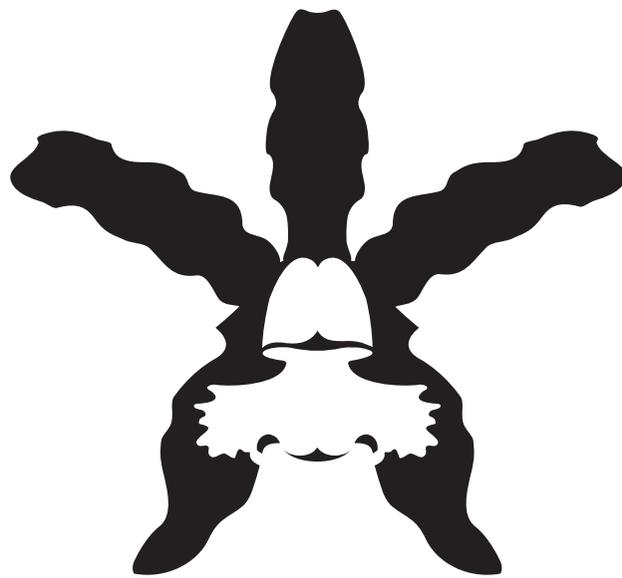
## Orquídea



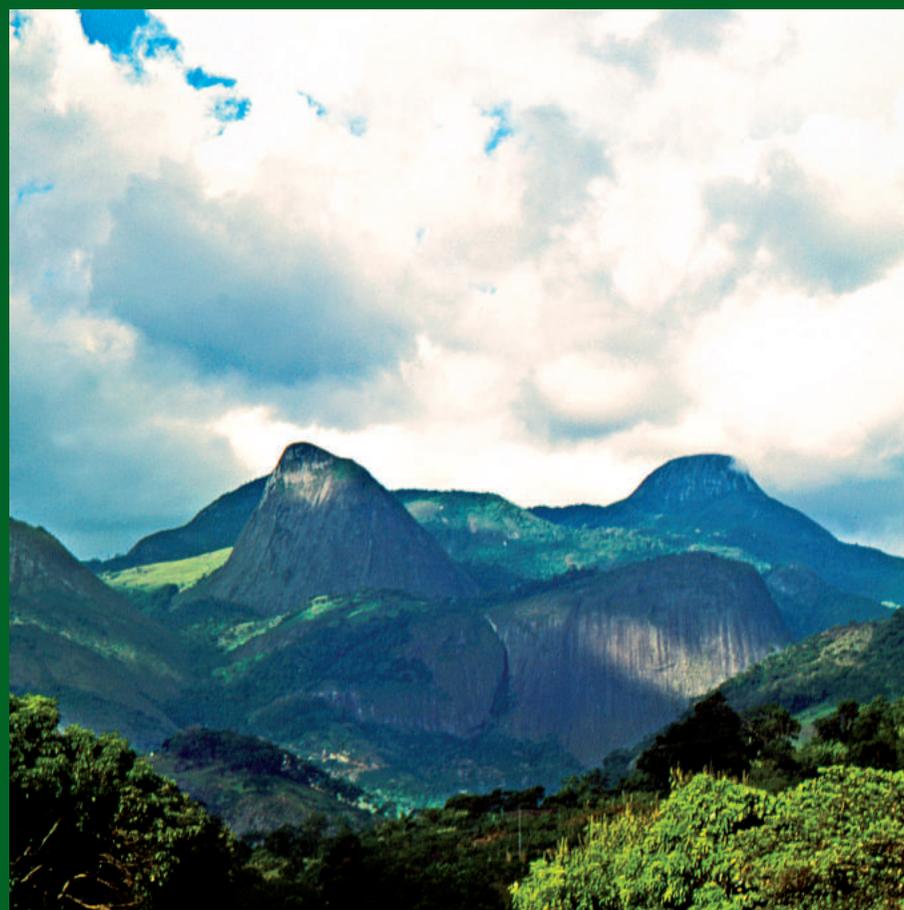
Luiz Magno

“ Cattleya schilleriana Rchb - As orquídeas estão entre as mais belas e conhecidas plantas, com sua típica flor de formato irregular, composta por três sépalas e três pétalas, sendo a pétala do meio modificada, e denominada labelo. Estima-se que a família possui entre 25.000 e 30.000 espécies, ocorrendo no mundo todo, com exceção das regiões completamente desérticas. O estado do Espírito Santo destaca-se pela abundância e variedade de orquídeas, e dentre as centenas de espécies, deve-se prioritária atenção à Cattleya schilleriana, espécie endêmica do estado capixaba, que apresenta pétalas de cor marrom esverdeado com máculas vermelho escuras e labelo amarelo ouro, seguido do branco com estrias púrpuras. Devido ao desmatamento e substituição das áreas de ocorrência natural, essa é uma das espécies de orquídeas mais ameaçadas de extinção. ”

## Orquídea



## Parque Estadual do Forno Grande



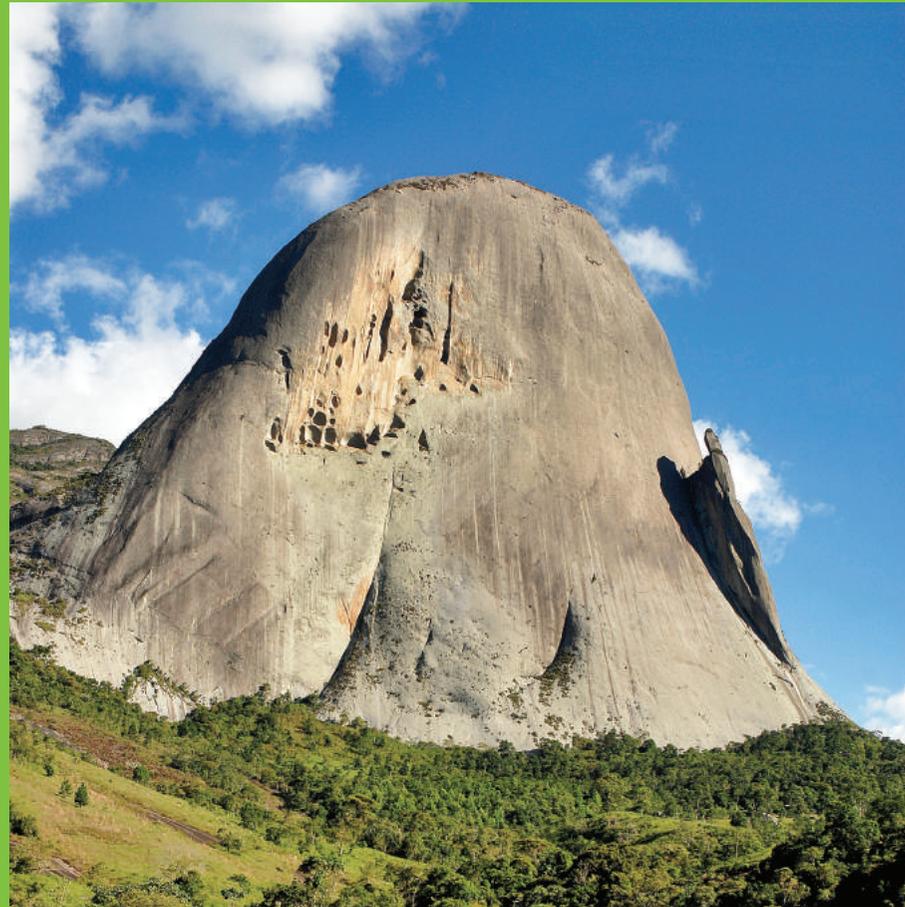
Tom Boechat

O Parque Estadual do Forno Grande está localizado no município de Castelo. Possui entre suas atrações o Centro de Visitantes, com uma rica coleção da fauna local, além de auditório para realização de cursos, palestras e atividades educativas para a comunidade do entorno. O Pico do Forno Grande, com 2.039 metros de altitude, é a principal atração do parque, seguido pelo Mirante da Pedra Azul, a cerca de 1500m de altitude, de onde é possível contemplar o Pico da Bandeira, a Pedra Azul e a Pedra das Flores. Trilhas, grutas e piscinas naturais são os atrativos encontrados no local. Em 1960, o Decreto 312, de 31 de outubro, criou a Reserva Florestal do Forno Grande. A Reserva Florestal passou a ser Parque Estadual em 1998, através do Decreto Estadual 7.258, de 11 de setembro. Atualmente o parque é administrado pelo Instituto Estadual do Meio Ambiente (IEMA).

## Forno Grande



## Pedra Azul



Formação rochosa de granito coberta de líquens que dão lhe a coloração azul-esverdeada, apresenta uma fenda em forma de lagarto e tem altitude de 1.822m. Localizada no km 88 da BR – 262 no município de Domingos Martins, na localidade de Pedra Azul, o parque é administrado pelo Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal – IDAF e foi criado pela Lei Estadual n. 4.503 de 31 de janeiro de 1991. Cartão postal da região, a pedra já foi fotografada de vários ângulos, em diferentes horários e épocas do ano, apresentando coloração que vai do laranja ao azul acinzentado. Compôs, juntamente com a Pedra das Flores (1.909m), as nove piscinas naturais e com espécies raras de orquídeas e bromélias - principais atrativos do Parque Estadual da Pedra Azul.

## Pedra Azul



## Peroá

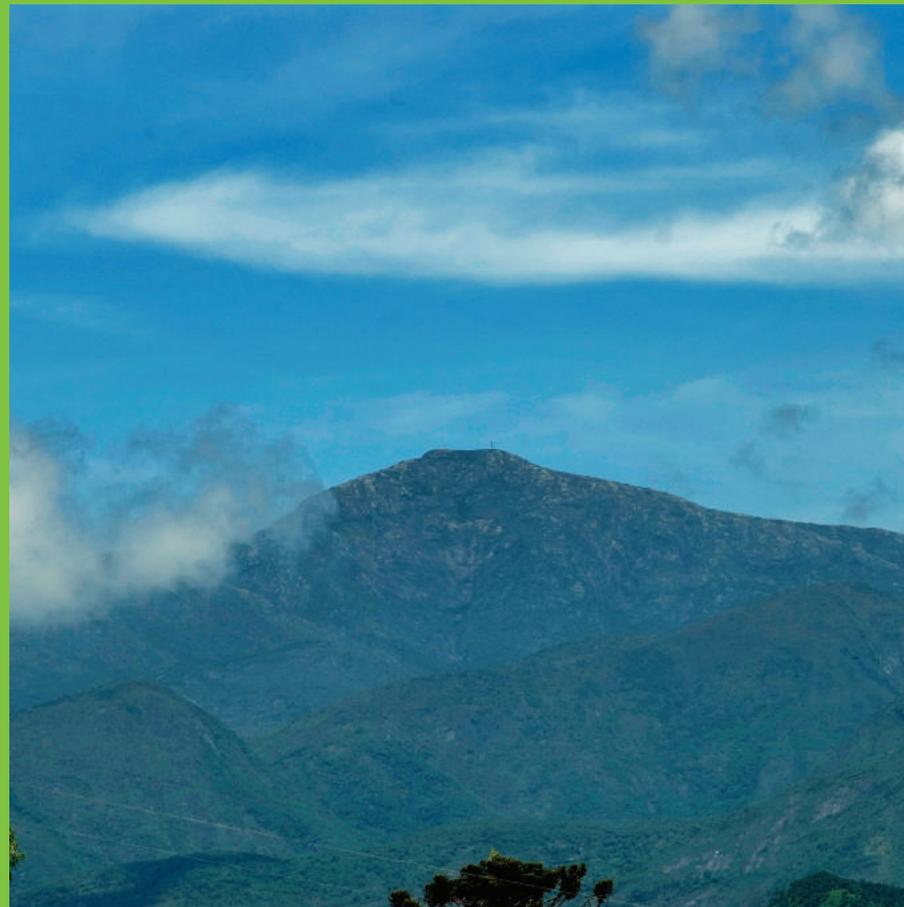


O peroá ou peixe-porco é uma espécie de peixe demerso-pelágica com ampla distribuição geográfica, ocorre desde Nova Scotia (Canadá) até Argentina, bem como na costa sudoeste da África. Na costa brasileira, a espécie é encontrada em maior abundância do sul da Bahia até o Rio Grande do Sul, sendo bastante comum na costa do Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo onde a pesca é mais intensa. Na prática, existem duas qualidades de peroá: o peroá-preto (*Balistes vetula*) e o peroá-branco (*Balistes capriscus*), sendo mais comum no Estado o peroá-branco, considerado o de melhor qualidade devido à consistência e à maciez da carne. O sabor e a textura da carne branca desse peixe são uma marca para todos que frequentam o litoral capixaba.

## Peroá

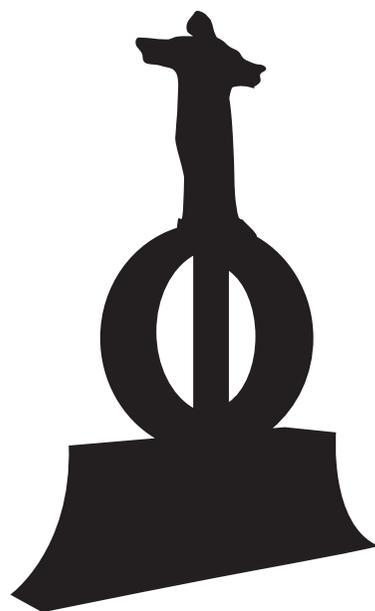


## Pico da Bandeira



O pico da Bandeira é o ponto mais alto do Parque Nacional do Caparaó com 2.890 metros de altitude, sendo o terceiro pico mais elevado do Brasil. O Parque está situado na divisa entre os estados do Espírito Santo e de Minas Gerais. A entrada pelo lado do Espírito Santo fica no município de Dolores do Rio Preto no Distrito de Pedra Menina. O nome do pico deve-se a uma bandeira do Império que, por volta de 1859, D. Pedro II mandou que fosse cravada no então ponto mais alto do país. Atualmente, existe um cruzeiro no alto do pico. O local oferece uma condição especial para a contemplação do nascer e por do sol: devido a altitude ali o horizonte é uma linha formada pelo encontro do céu, normalmente com uma grande camada de nuvens, tornando o movimento do sol um verdadeiro espetáculo.

## Monumento no pico

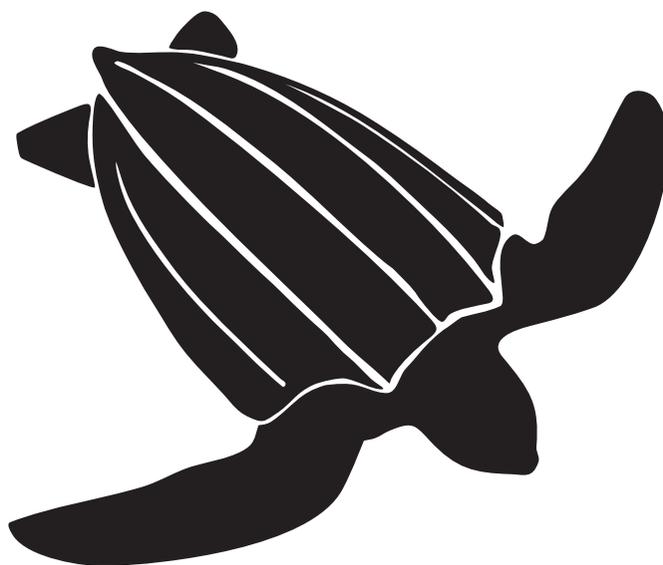


## Tartaruga de couro



“ A Tartaruga de Couro ou Gigante é a maior de todas as tartarugas. Com tamanho médio em torno de 2 m de comprimento, pesa 500 kg em média, podendo atingir até 700 kg. Seu casco (carapaça) é composto por uma camada de pele fina e resistente e milhares de placas minúsculas de osso, formando sete quilhas ao longo do comprimento; apenas os filhotes apresentam placas córneas, daí o nome popular “de couro”; a coloração é cinzenta-escura ou preta, com pontos brancos. Pode migrar há longas distâncias passando desde o Oceano Índico, o Pacífico, o Atlântico e indo até o Círculo Polar Ártico. Vive sempre em alto mar e só se aproxima da costa para desovar. Alimenta-se essencialmente de medusas e seu tempo de vida pode variar de 215 a 305 anos quando atinge o ápice da idade de sua espécie. É uma tartaruga altamente ameaçada de extinção e a costa capixaba é especialmente importante nesse aspecto por ser a única área brasileira de desova deste animal. ”

## Tartaruga de couro







Aplicação

## Um novo olhar

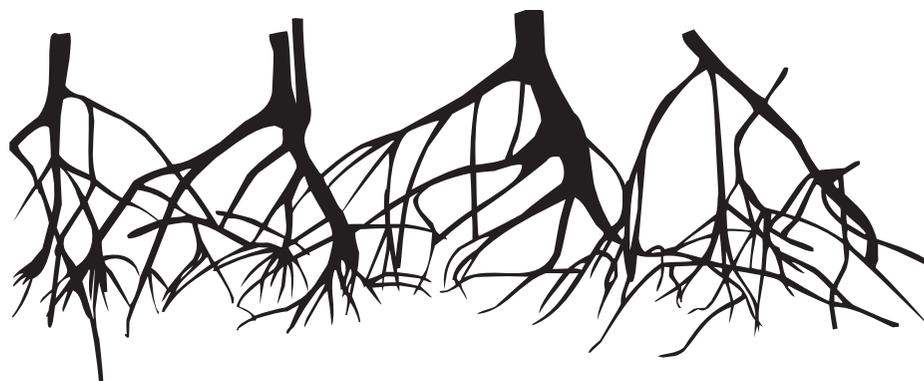
As iconografias pertencem a época em que são produzidas, como por exemplo as coleções de moda. As referências são buscadas através de pesquisa, e a seleção dos motivos feitas de acordo com as condições da época atual.

Dessa forma os ícones não pertencem ao período do atrativo do qual foram retirados, eles pertencem a época em que foram produzidos, pois foi o olhar que os captou, influenciado por todas as informações do dia-a-dia, que lhes deu as características com os quais são apresentados.

A Iconografia de um estado é construída todos os dias por seus cidadãos. A reunião dos ícones em livros ou manuais é necessária como forma de resgate de uma história e registro de um momento.

Ícones por si só não são eternos... mas podem ser eternizados. Seu uso em produtos e aplicações em diversos contextos, podem torná-lo parte do cenário visual local, fazendo com que as pessoas se acostumem com sua imagem. O importante é que seu significado e sua história não se percam, pois somente com essas informações é que a ligação com a cultura local fica garantida. Seguindo esse pensamento as pessoas podem produzir suas próprias iconografias, ressaltando aquilo que para elas é relevante. Os temas são inúmeros: a família, a casa, a rua, o bairro, o trajeto feito para ir ao trabalho, uma viagem de férias... todas as situações em que uma história possa ser contada através de imagens pode se tornar uma iconografia. Que o olhar sobre as imagens que são apresentadas nesse trabalho, e sua forma de aplicação, além de formar um repertório de pesquisa e informação, possam servir de estímulo as pessoas para que façam também suas próprias iconografias. Perceber o espaço que habitamos e convivemos, e interagir visualmente com ele, pode ser o início de um novo processo criativo, agora com referências locais, ajudando na criação de uma identidade visual diferenciada para produtos e serviços.





Para auxiliar na aplicação prática dos ícones, este capítulo tem como objetivo oferecer algumas orientações básicas e princípios de composição aos profissionais, artesãos e demais interessados em utilizar a Iconografia Capixaba em seus produtos e serviços, além de demonstrar, através de exemplos sua utilização, servindo de estímulo a criatividade e evitando que o trabalho se limite a mera cópia.

O trabalho deve ser iniciado com uma reflexão sobre em qual segmento, produto e técnica pretende-se trabalhar, como peças de cerâmica, bordado, pintura, joalheria, dentre outros. A reflexão sobre esses fatores ajudam na escolha do ícone a ser desenvolvido. Uma vez definida a opção, parte-se para um momento de interpretação do ícone, onde a visão criativa do profissional começa a definir de que forma o ícone será reproduzido, se completo ou somente alguma parte.

A seguir entra-se na fase de desenvolvimento onde uma das 3 opções é escolhida:

Modelagem, Simples aplicação ou Técnicas de Composição.

**Modelagem** - o ícone é transformado em produto, ganhando volume tridimensional e virando um objeto por si só;

**Simples aplicação** – aplicação do ícone em um suporte qualquer (tecido, madeira, cerâmica, etc...), sem sofrer interferências significativas, individualmente ou com algumas repetições;

**Técnicas de Composição** – o ícone combina-se entre si originando novas possibilidades, através de técnicas de composição como: espelhamento, superposição, rotação, repetição, abstração, e etc, de forma isolada ou combinada.

Confira alguns exemplos nas páginas a seguir, inspire-se e mãos a obra!





**Atrativo** - Teatro Carlos Gomes  
**Ícone** - Brasão e Lustre (ref. páginas 131 e 133)  
**Interpretação do ícone** - Simples aplicação  
**Segmento** - Moda casa  
**Produto** - Jogo de cama  
**Técnica** - Bordado



**Atrativo** - Ponte da Passagem  
**Ícone** - Ponte (ref. página 93)  
**Interpretação do ícone** - Composição por espelhamento  
**Segmento** - Móveis  
**Produto** - Mesa  
**Técnica** - Marchetaria



**Atrativo** - Peroá  
**Ícone** - Peroá (ref. página 171)  
**Interpretação do ícone** - Composição por abstração / Simples aplicação  
**Segmento** - Utilidades  
**Produto** - Prato em cerâmica  
**Técnica** - Pintura



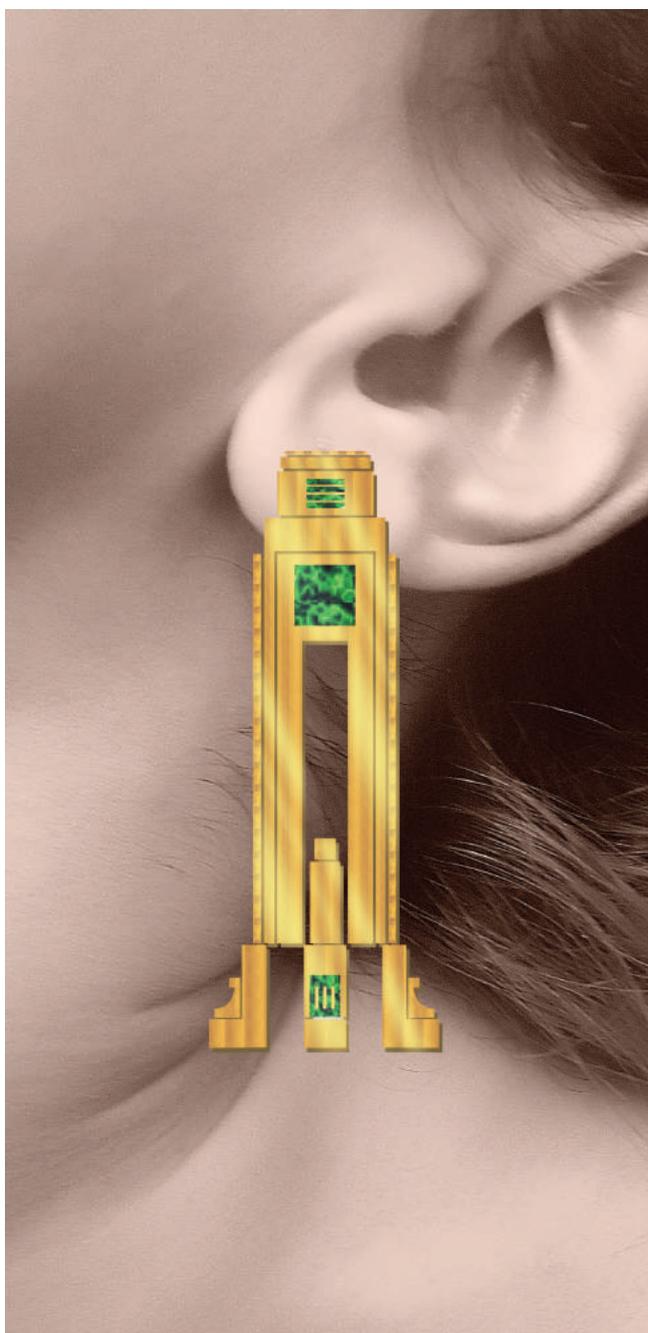
**Atrativo** - Catedral de Vitória  
**Ícone** - Detalhe do balcão (ref. página 51)  
**Interpretação do ícone** - Simples aplicação  
**Segmento** - Utilidades  
**Produto** - Caneca em cerâmica  
**Técnica** - Pintura



**Atrativo** - Boi pintadinho  
**Ícone** - Boi pintadinho (ref. página 115)  
**Interpretação do ícone** - Simples aplicação  
**Segmento** - Decoração  
**Produto** - Artesanato em cerâmica  
**Técnica** - Pintura



**Atrativo** - Torta capixaba  
**Ícone** - Anéis de cebola (ref. página 139)  
**Interpretação do ícone** - Simples aplicação  
**Segmento** - Decoração  
**Produto** - Artesanato em tecelagem  
**Técnica** - Tecelagem



**Atrativo** - Relógio da Praça Oito  
**Ícone** - Relógio (ref. página 99)  
**Interpretação do ícone** - Modelagem  
**Segmento** - Joalheria  
**Produto** - Brinco  
**Técnica** - Ourivesaria



**Atrativo** - Igreja N. S. Conceição de Guarapari  
**Ícone** - Frontispício (ref. página 79)  
**Interpretação do ícone** - Modelagem  
**Segmento** - Joalheria  
**Produto** - Colar  
**Técnica** - Ourivesaria



**Atrativo** - Teatro Carlos Gomes  
**Ícone** - Lustre (ref. página 133)  
**Interpretação do ícone** - Modelagem  
**Segmento** - Joalheria  
**Produto** - Anel  
**Técnica** - Ourivesaria



**Atrativo** - Parque Moscoso  
**Ícone** - Portão (ref. página 87)  
**Interpretação do ícone** - Composição por abstração e composição por espelhamento  
**Segmento** - Moda  
**Produto** - Camiseta e calça jeans  
**Técnica** - Serigrafia e bordado



**Atrativo** - Manguezal

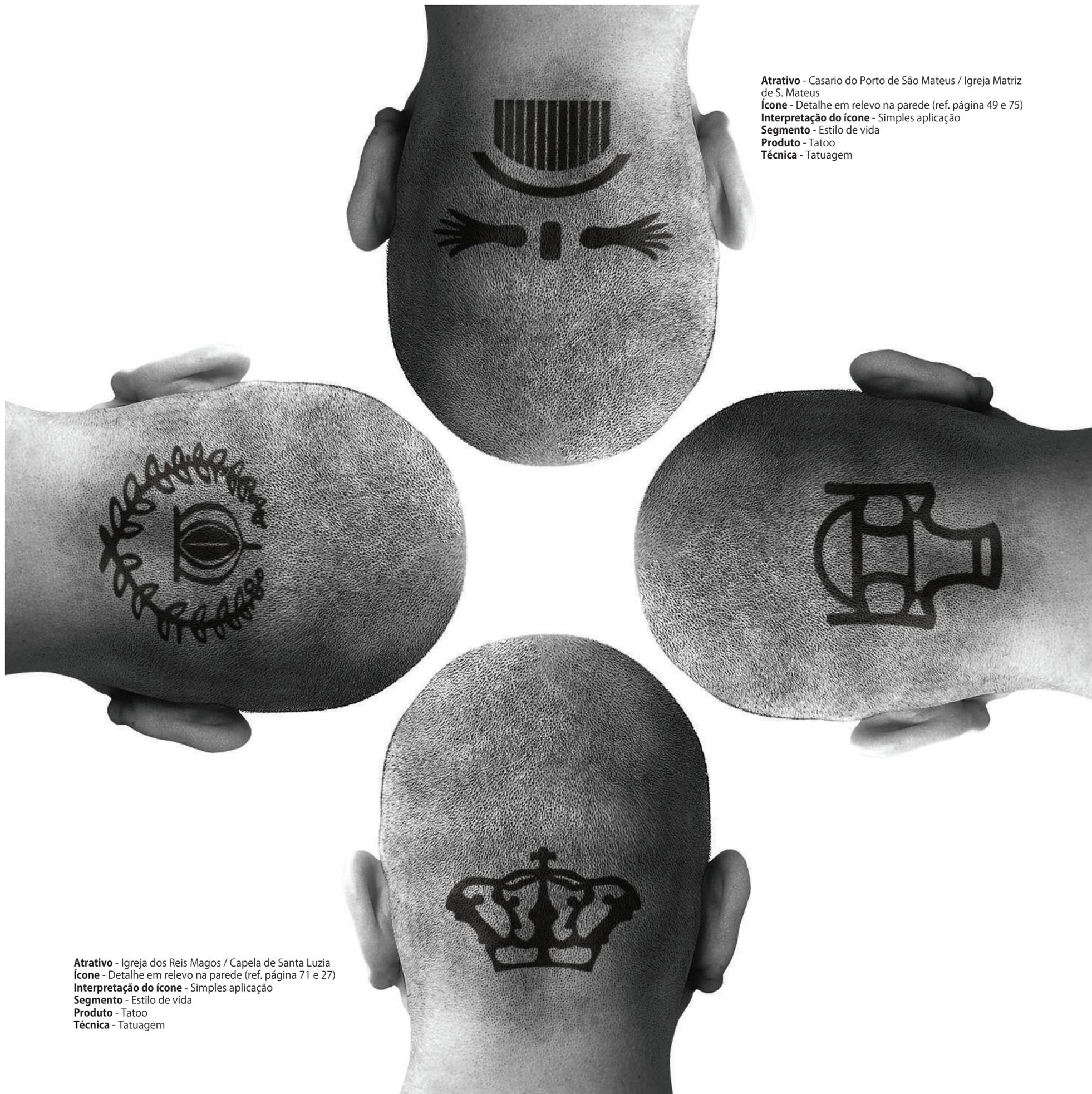
**Ícone** - Raízes do mangue (ref. página 155)

**Interpretação do ícone** - Composição por espelhamento

**Segmento** - Moda

**Produto** - Camiseta e calça

**Técnica** - Serigrafia e bordado



**Atrativo** - Casario do Porto de São Mateus / Igreja Matriz de S. Mateus

**Ícone** - Detalhe em relevo na parede (ref. página 49 e 75)

**Interpretação do ícone** - Simples aplicação

**Segmento** - Estilo de vida

**Produto** - Tatoo

**Técnica** - Tatuagem

**Atrativo** - Igreja dos Reis Magos / Capela de Santa Luzia

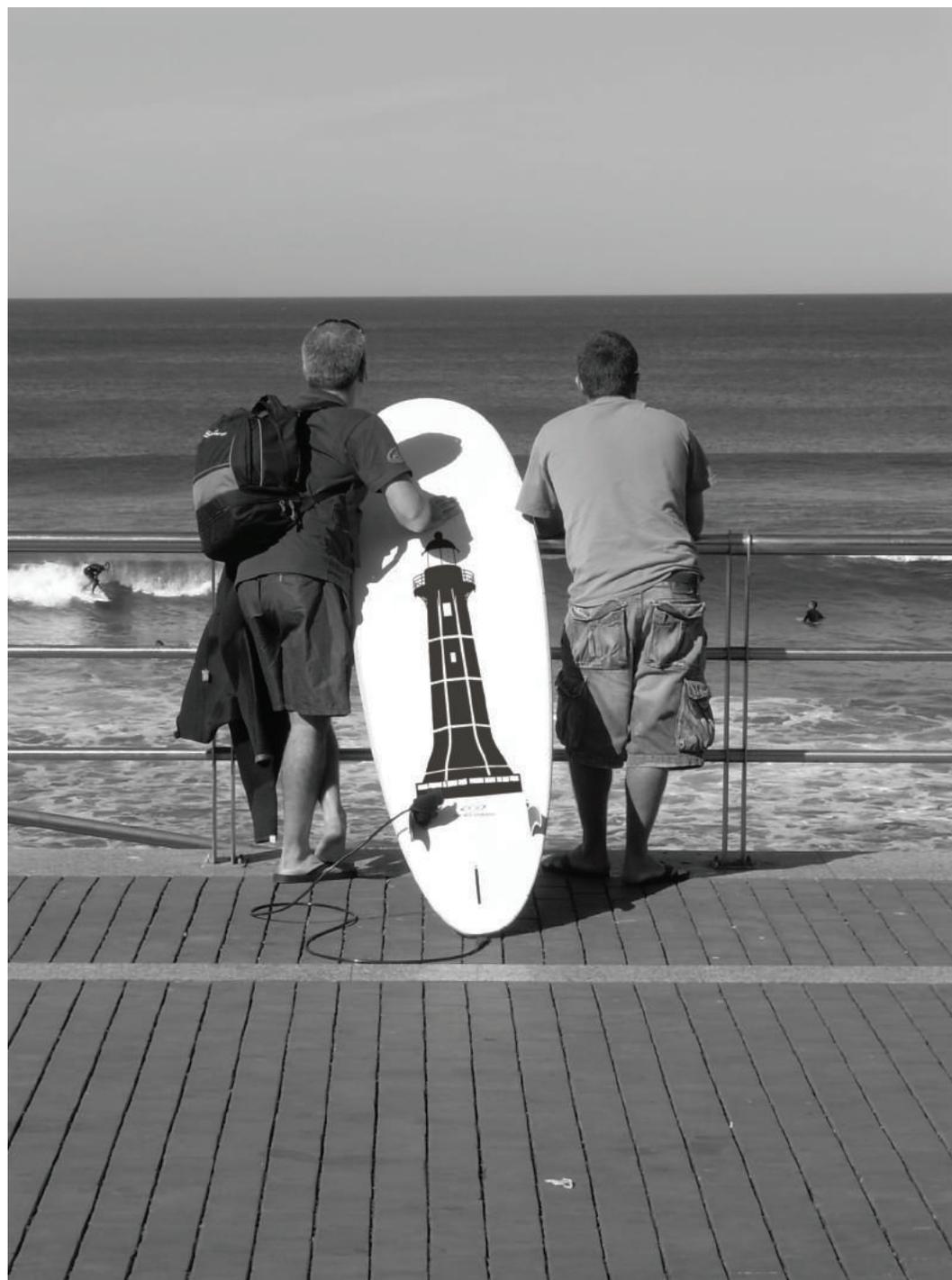
**Ícone** - Detalhe em relevo na parede (ref. página 71 e 27)

**Interpretação do ícone** - Simples aplicação

**Segmento** - Estilo de vida

**Produto** - Tatoo

**Técnica** - Tatuagem



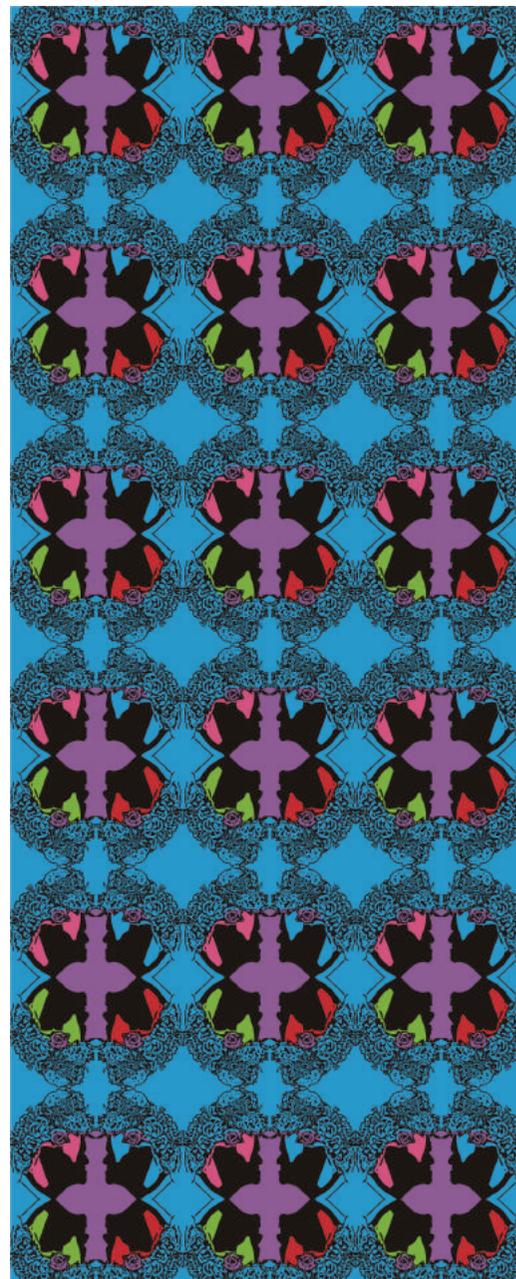
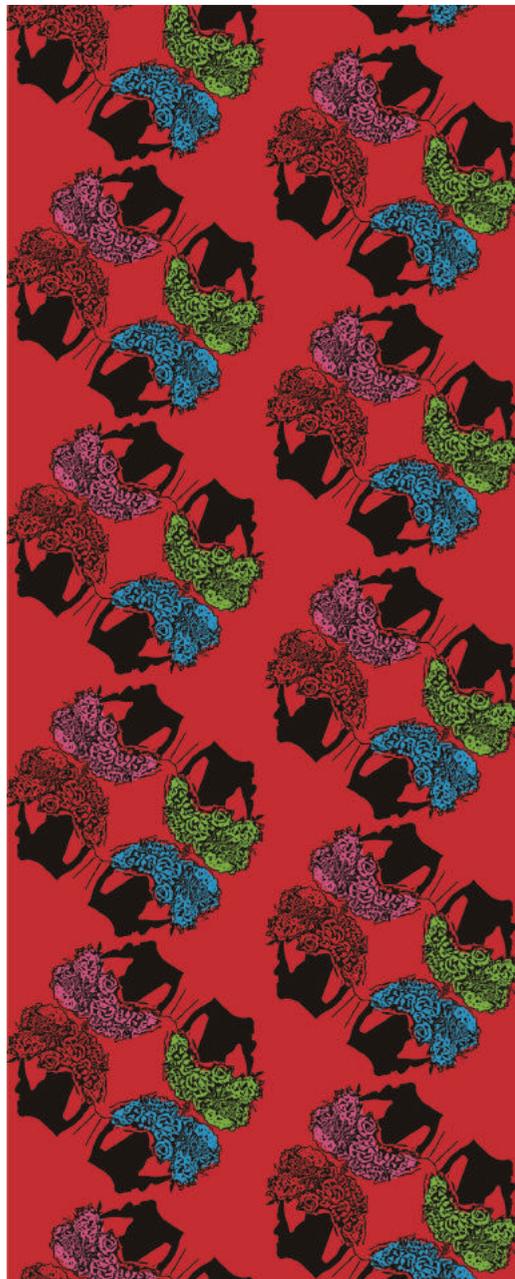
**Atrativo** - Farol de Santa Luzia  
**Ícone** - Farol (ref. página 63)  
**Interpretação do ícone** - Simples aplicação  
**Segmento** - Esporte  
**Produto** - Prancha de surf  
**Técnica** - Aerografia



**Atrativo** - Viaduto Caramuru  
**Ícone** - Guarda corpo (ref. página 109)  
**Interpretação do ícone** - Abstração  
**Segmento** - Estilo de vida  
**Produto** - Pintura em unha  
**Técnica** - Pintura



**Atrativo** - Dunas de Itaúnas  
**Ícone** - Ação do vento na areia (ref. página 149)  
**Interpretação do ícone** - Simples aplicação  
**Segmento** - Tuning  
**Produto** - Adesivo em vinil  
**Técnica** - Recorte eletrônico



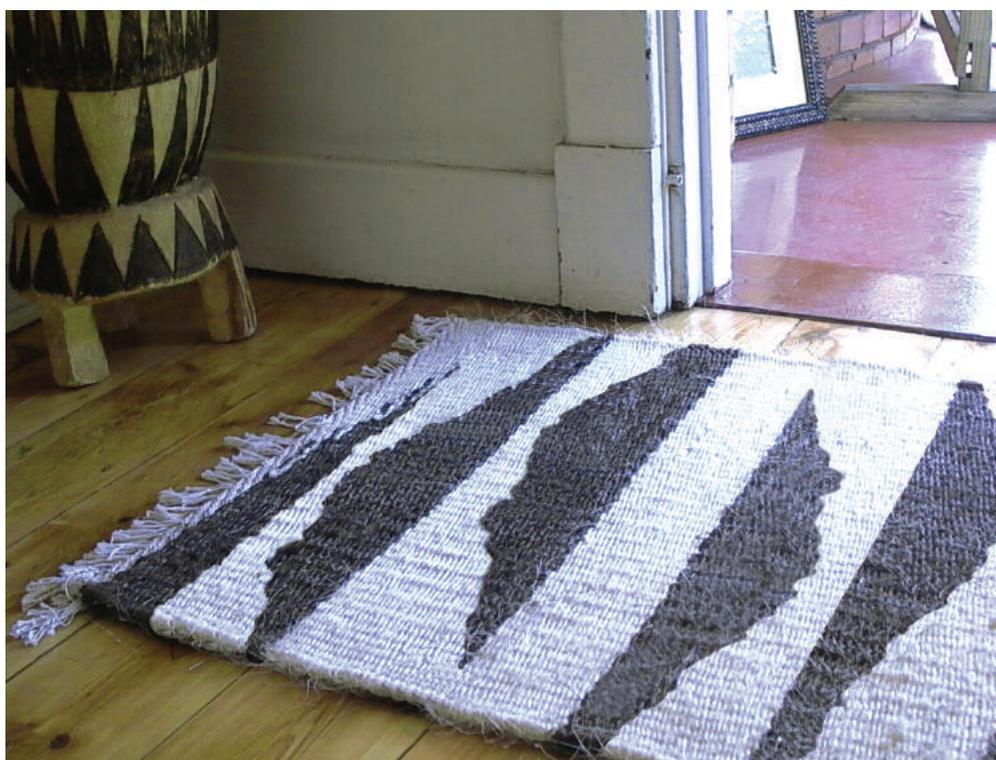
**Atrativo** - Ticumbí  
**Ícone** - Chapéu (ref. página 135)  
**Interpretação do ícone** - Composição por espelhamento  
**Segmento** - Têxtil  
**Produto** - Tecido  
**Técnica** - Serigrafia



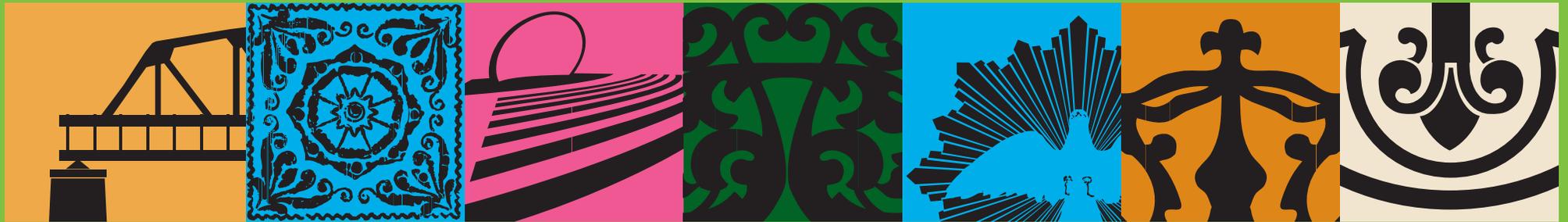
**Atrativo** - Terceira Ponte  
**Ícone** - Ponte (ref. página 107)  
**Interpretação do ícone** - Repetição  
**Segmento** - Moda  
**Produto** - Camiseta  
**Técnica** - Serigrafia



**Atrativo** - Café  
**Ícone** - Grão de café (ref. página 147)  
**Interpretação do ícone** - Composição por repetição  
**Segmento** - Indústria Cerâmica  
**Produto** - Piso cerâmico  
**Técnica** - Impressão cerâmica



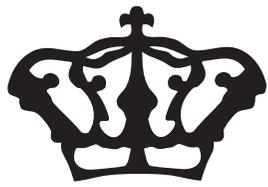
**Atrativo** - Mestre Álvaro  
**Ícone** - Mestre Álvaro (ref. página 159)  
**Interpretação do ícone** - Composição por espelhamento  
**Segmento** - Artesanato  
**Produto** - Tapete  
**Técnica** - Tapeçaria





# Índice

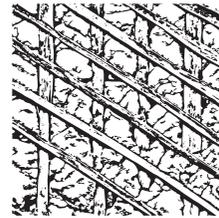
# Índice



27



29



31



33



35



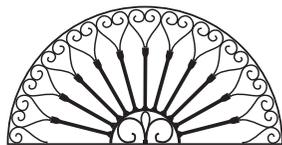
37



39



41



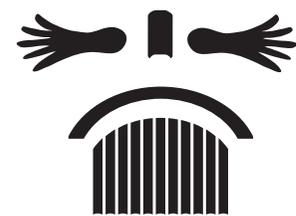
43



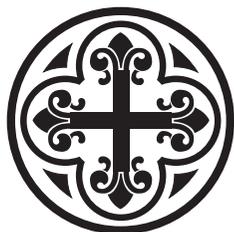
45



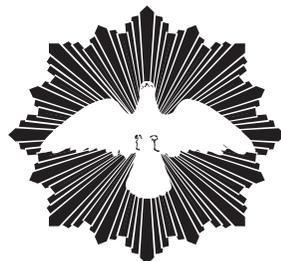
47



49



51



53



55



57



59



61



63



65



67



69



71



73



75



77



79



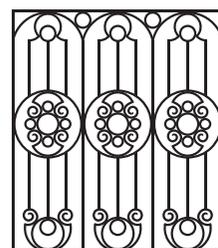
81



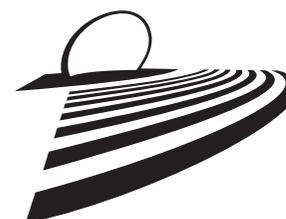
83



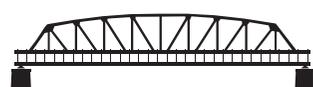
85



87



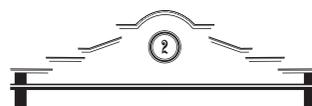
89



91



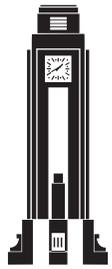
93



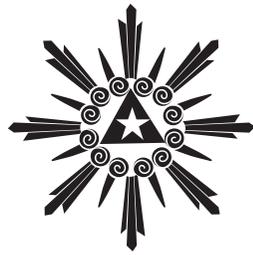
95



97



99



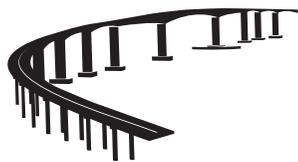
101



103



105



107



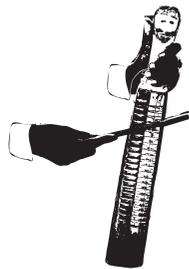
109



113



115



117



119



121



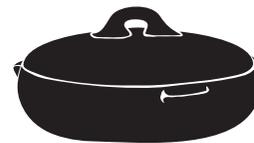
123



125



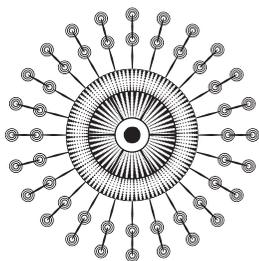
127



129



131



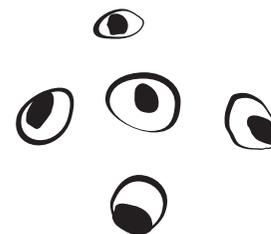
133



135



137



139



143



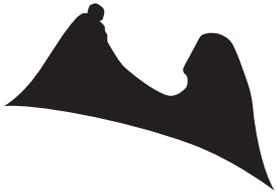
145



147



149



151



153



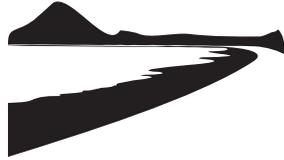
155



157



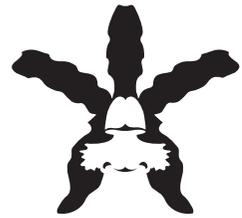
159



161



163



165



167



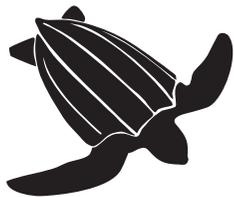
169



171



173



175

## Créditos das imagens gentilmente cedidas

Ponte da Passagem – Vitória  
Foto da Página 92  
Autor: Vitor Nogueira - [www.vitornogueira.com](http://www.vitornogueira.com)

Maciço do Forno Grande – Castelo  
Foto da página 166  
Autor: Tom Boechat - [www.usinadeimagem.com.br](http://www.usinadeimagem.com.br)  
Ano: 2005

Orquídea da Espécie Cattleya Schilleriana  
Foto da página 168  
Autor: Luiz Magnago

## Bibliografia

- MERLO, Patrícia M.S. Em torno da panela: sabores do Espírito Santo. Vitória: SEBRAE/ES, 2006.
- \_\_\_\_\_. Ofício das panelas de Goiabeiras, Brasília, DF: IFHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2006.
- NEVES, Luiz Guilherme Santos, Espírito Santo Impressões, São Paulo: Empresa das Artes, 1991.
- FARIA, Willis de. Catálogo dos Monumentos Históricos e Culturais da Capital. Vitória/ES: Lei Rubem Braga, 1992.
- ROCHA, Levy. Viagem de Pedro II ao Espírito Santo. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo: Secretaria de Estado da Cultura, Secretaria de Estado da Educação, 2008.
- MEDEIROS, Rogério. Encontro das Raças. Espírito Santo, ano.
- DONDIS, Donis A. Sintaxe da Linguagem Visual. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2000.
- BIARD, Auguste François. Viagem à Província do Espírito Santo. Ed. Secult, 2002.
- DERENZI, Luiz Serafim. Biografia de uma Ilha. Rio de Janeiro: Ed. Pongetti, 1965.
- BIANCONI, Tadeu. Espírito Santo: cores e sentimentos. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.
- NEVES, Luiz Guilherme Santos, Imagens do Espírito Santo: Brasil. Vitória: Formar, 2003.
- KUSTER, Eliana. Marcovaldo e os doze passeios em Vitória. Vitória:[s.n.], 2003.

